O SEU NOVO JORNAL SEM PROPAGANDA E SEM TENDÊNCIA POLÍTICA!

www.jornalz.com.br

JORNAL

Trump busca 'acordo justo' com a China

O presidente americano, Donald Trump, mencionou, nesta quarta-feira (23), a possibilidade de um acordo comercial "justo" com a China, sem que as negociações propriamente ditas para alcançá-lo tenham começado, segundo seu secretário do Tesouro.

DÓLAR CAI A R$5,72 E BOLSA SOBE EM MEIO A PRESSÃO DE TRUMP

Economia

Ricardo Darín defende Buenos Aires de um ataque extraterrestre em 'O Eternauta'

Na Argentina, "O Eternauta" é considerada uma história em quadrinhos mítica. - "Nunca foi feito algo assim" - A história exigia grandes cenários abertos de aspecto apocalíptico que representavam importantes desafios corporais: "Fisicamente, foi muito, muito trabalhoso", enfatizou Darín, muito mais velho que o Juan Salvo dos quadrinhos, corpulento e de uns 40 anos.

30/04/2025, 15:33

Na Argentina, "O Eternauta" é considerada uma história em quadrinhos mítica. No entanto, nunca tinha sido adaptada para as telas. Quando foi oferecido ao astro do cinema Ricardo Darín, sem experiência em ficção científica, o papel principal na série de mesmo nome, ele ficou um pouco assustado.

"Isso aconteceu em um primeiro momento, mas depois fui me acalmando", lembra em uma entrevista à AFP o premiado ator e produtor argentino de 68 anos, ao referir-se às origens do projeto.

Dirigida e roteirizada por Bruno Stagnaro, a superprodução que estreou na Netflix nesta quarta-feira (30) narra a resistência em Buenos Aires a um ataque alienígena a partir da HQ que o roteirista Héctor Oesterheld e o artista Francisco Solano López publicaram entre 1957 e 1959.

Darín, conhecido por filmes como "Nove Rainhas", "Relatos Selvagens" e o vencedor do Oscar "O Segredo dos Seus Olhos", ficou entusiasmado com a ideia de interpretar o líder da resistência Juan Salvo quando notou que os demais envolvidos encaravam o desafio com uma "abordagem muito séria".

A misteriosa nevasca tóxica que mata tudo o que toca, e que é apenas a primeira investida de um exército alienígena, "é algo absolutamente inesperado", conta. "E se você conta isso com respeito, seriedade (...) as pessoas vão abraçar a história."

Para o ator, "O Eternauta" cativou gerações porque é um épico do homem comum sem recursos nem poderes especiais que, unido ao coletivo, enfrenta uma ameaça totalitária.

"Os povos que conseguiram sobreviver são os que se juntaram lado a lado, se defenderam e se interessaram não apenas pelo que lhes acontecia individualmente", apontou.

Assim, a série "interpela" o presente, opinou Darín. A HQ foi uma garrafa lançada por Oesterheld ao mar com uma mensagem "que se transformou há muito tempo nessa espécie de slogan, de leitmotiv, que é: 'Ninguém se salva sozinho'".

Essa dimensão política evoluiu no tempo, com as sucessivas versões que Oesterheld escreveu enquanto aprofundava um compromisso militante pelo qual acabaria desaparecido pela ditadura militar argentina (1976-1983), assim como suas quatro filhas e três genros.

- "Nunca foi feito algo assim" -

A história exigia grandes cenários abertos de aspecto apocalíptico que representavam importantes desafios corporais: "Fisicamente, foi muito, muito trabalhoso", enfatizou Darín, muito mais velho que o Juan Salvo dos quadrinhos, corpulento e de uns 40 anos.

O ator participou de 113 dos 148 dias de gravação, muitos deles com roupas pesadas de inverno e sobre imensos cenários cobertos de toneladas de incômoda neve artificial.

"E sem mencionar as coisas que acontecem em uma filmagem de ação, onde você precisa rolar, pular, cair, colidir, lutar; uma série de coisas que quando você tem 25 ou 30 anos não acontece nada, mas eu que tenho 114", brincou.

A escala da série também implicou grandes desafios técnicos, para os quais foram encontradas soluções no nível de Hollywood. "Nunca foi feito algo assim aqui", destacou Darín, orgulhoso.

- "Um grande paradoxo" -

Ricardo Darín defende Buenos Aires de um ataque extraterrestre em 'O Eternauta'

O astro argentino começará a filmar em alguns dias um longa coproduzido com seu filho, Ricardo 'Chino' Darín, e a partir de setembro estará nos palcos de Madri com "Cenas da Vida Conjugal". Enquanto isso, confia que a repercussão da série será "de alto impacto".

Para ele, "O Eternauta" reafirmará a alta valorização internacional do cinema argentino, o que "constrói um grande paradoxo", em tempos em que o governo do presidente Javier Milei retirou o apoio do Estado à cultura e, especificamente, ao Instituto Nacional de Cinema (INCAA).

Economia

PIB do México cresce no primeiro trimestre em meio a incerteza por tarifas

A economia mexicana, a segunda maior da América Latina depois do Brasil, cresceu 0,6% interanual no primeiro trimestre de um ano marcado pela incerteza sobre as tarifas dos Estados Unidos, informou nesta quarta-feira (30) o Instituto Nacional de Estatística (Inegi). O México é um dos países mais vulneráveis às tarifas do presidente americano Donald Trump, já que 80% de suas exportações vão para os Estados Unidos, seu maior destino comercial e parceiro no acordo de livre comércio T-MEC. Segundo o Inegi, o setor industrial, que inclui as vitais manufaturas para exportação, contraiu-se 1,4% em um ano.

30/04/2025, 14:34

A economia mexicana, a segunda maior da América Latina depois do Brasil, cresceu 0,6% interanual no primeiro trimestre de um ano marcado pela incerteza sobre as tarifas dos Estados Unidos, informou nesta quarta-feira (30) o Instituto Nacional de Estatística (Inegi).

O México é um dos países mais vulneráveis às tarifas do presidente americano Donald Trump, já que 80% de suas exportações vão para os Estados Unidos, seu maior destino comercial e parceiro no acordo de livre comércio T-MEC.

Segundo o Inegi, o setor industrial, que inclui as vitais manufaturas para exportação, contraiu-se 1,4% em um ano. As atividades primárias, que abrangem a agricultura e pecuária, avançaram 6%, e o setor de serviços subiu 1,3%.

Frente aos três meses anteriores, o PIB mexicano avançou 0,2%, de acordo com as previsões preliminares do Inegi.

Nesta medição, o setor industrial recuou 0,3%, enquanto as atividades primárias avançaram 8,1% e as terciárias estagnaram.

Uma análise da firma britânica Capital Economics explicou que a "fraqueza" na atividade industrial sugere que as tarifas americanas, que começaram a vigorar no início de março, "afetaram negativamente a economia" mexicana.

"O crescimento foi impulsionado por uma alta na agricultura, enquanto o resto da economia, e em particular o setor manufatureiro, continuou com dificuldades", destacou.

- “Boa notícia” -

A presidente Claudia Sheinbaum recebeu como "uma boa notícia" o crescimento do PIB diante da incerteza que a política comercial de Trump causou.

"É claro que queremos mais, mas frente à circunstância das tarifas, a situação de incerteza que a economia mundial atravessou todos estes meses pelo novo marco que o presidente Trump impôs, é uma boa notícia", declarou a governante em sua habitual coletiva de imprensa matinal.

As tarifas que Trump aplicou a dezenas de países excluem no caso do México e Canadá todos os bens que são exportados sob as normas do T-MEC.

No entanto, as indústrias automotiva e siderúrgica sim enfrentam taxações por parte dos Estados Unidos.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) previu na semana passada que a economia mexicana se contrairá 0,3% este ano.

Mas o governo de Sheinbaum confia em alcançar um crescimento entre 1,5% e 2,3% em 2025.

- "Avanço" em automóveis -

PIB do México cresce no primeiro trimestre em meio a incerteza por tarifas

A presidente Claudia Sheinbaum também disse que as medidas que a Casa Branca anunciou na terça-feira para aliviar as tarifas à indústria automotiva são um "avanço".

Este setor tem vital importância para o México, já que é sede de várias fábricas das principais montadoras do mundo, como Ford e General Motors, e um importante fornecedor de autopeças.

Na terça-feira, Trump assinou um decreto que limita o impacto das tarifas nesta indústria. Com as mudanças, a tarifa alfandegária de 25% para um veículo importado não se somará aos 25% aplicados ao aço ou ao alumínio.

O governo americano também concedeu à indústria um período de carência de dois anos para mover as cadeias de suprimento para os Estados Unidos.

E para todos os veículos fabricados e vendidos nos Estados Unidos que utilizem peças importadas, os fabricantes que pagarem 25% de tarifas poderão recuperar uma parte do dinheiro devido.

Economia

Presidente da Microsoft espera 'resolução' rápida para tensões comerciais EUA-UE

O presidente da Microsoft, Brad Smith, pediu uma "resolução" rápida para as tensões comerciais entre os Estados Unidos e a União Europeia (UE). P: Em seus contatos, o senhor percebe uma desconfiança com os Estados Unidos?

30/04/2025, 12:11

O presidente da Microsoft, Brad Smith, pediu uma "resolução" rápida para as tensões comerciais entre os Estados Unidos e a União Europeia (UE).

Em entrevista com a AFP, nesta quarta-feira (30), em Bruxelas, o dirigente optou por evitar fazer críticas diretas ao presidente americano, Donald Trump, e assegurou que a empresa busca contribuir para reaproximar os Estados Unidos e o bloco europeu.

Pergunta: Até que ponto as tarifas alfandegárias americanas complicaram a Microsoft?

Resposta: Todos teremos que ver como as discussões comerciais se desenvolvem (...) Há problemas reais que merecem discussão. Esperamos que haja resoluções reais que aproximem as pessoas dos dois lados do Atlântico, e quanto antes, melhor.

P: Em seus contatos, o senhor percebe uma desconfiança com os Estados Unidos?

R: Penso que é de conhecimento público que as pessoas na Europa olham para o outro lado do Atlântico de forma diferente a como faziam no passado. Nós reconhecemos isso. Ao mesmo tempo, na minha opinião, os laços que nos unem são muito maiores do que os problemas que poderiam nos dividir. Então, vamos abordar os problemas que nos dividem e continuemos comprometidos com os laços que nos unem porque acho que são fundamentais, não apenas para os dois continentes, mas para o mundo inteiro.

P: Como o senhor responde àqueles que dizem que os laços entre os Estados Unidos e a Europa se romperam de forma irreversível?

R: Ouço esse tipo de preocupações. A vida é longa. É uma das coisas que aprendi. Não acho que possamos voltar a nos comprometer através do Atlântico até que trabalhemos nos problemas que estão atualmente na mesa de negociações [comerciais]. Mas como empresa, acreditamos em um futuro no qual a Europa, a América do Norte e o mundo em seu conjunto possamos nos beneficiar de que os negócios funcionem através das fronteiras.

P: Ao contrário de representantes de outras grandes empresas do setor tecnológico, o senhor não esteve presente na posse do presidente Trump, e o senhor se mostra menos crítico do que muitos de seus concorrentes em relação à legislação tecnológica europeia. É uma postura deliberada?

R: Temos uma relação muito importante com o governo americano e temos uma relação muito importante com os governos europeus. Sempre o fizemos e sempre o faremos. Sempre compartilharemos nossos pontos de vista. Espero que possamos ser uma voz que ajude a unir as pessoas.

P: Certos grupos têm criticado o dano ambiental relacionado com a ampliação da inteligência artificial (IA). Qual é sua resposta para isso?

R: Estamos muito focados nos problemas de sustentabilidade ambiental associados à IA. Acreditamos que a questão tem dois aspectos. De um lado, estamos comprometidos em reduzir nossas emissões de carbono, a alcançar a neutralidade de carbono até 2030. A outra parte da questão é o papel que vemos que a IA pode desempenhar na elaboração de soluções climáticas. É um tema muito importante e acredito que temos que permanecer focados nas duas metades deste tema todos os dias.

Economia

Trump culpa Biden por queda do PIB dos EUA

A economia dos Estados Unidos contraiu nos primeiros três meses deste ano, contrariando as expectativas dos analistas no início do segundo mandato de Donald Trump. - Trump culpa Biden e pede "paciência" - Os números foram divulgados no 101º dia do segundo mandato de Trump.

30/04/2025, 11:23

A economia dos Estados Unidos contraiu nos primeiros três meses deste ano, contrariando as expectativas dos analistas no início do segundo mandato de Donald Trump.

O republicano culpou seu antecessor, o democrata Joe Biden, e pediu "paciência". "Quando o boom começar, será como nenhum outro", ele prometeu.

O Produto Interno Bruto da maior economia do mundo caiu 0,3% em taxa anualizada no primeiro trimestre, após aumentar 2,4% nos últimos três meses de 2024, segundo com uma estimativa do Departamento do Comércio dos EUA.

Os especialistas esperavam um crescimento do PIB de 0,4%, segundo o Briefing.com. "A queda do PIB real no primeiro trimestre é reflexo da recuperação das importações, da desaceleração nos gastos do consumidor e da redução do gasto público", disse o Departamento de Comércio.

- Trump culpa Biden e pede "paciência" -

Os números foram divulgados no 101º dia do segundo mandato de Trump. Neste período, ele anunciou vários conjuntos de tarifas.

Em março, o presidente anunciou impostos elevados sobre produtos de seus principais parceiros comerciais a partir do início de abril, em uma tentativa de renegociar seus acordos comerciais.

Essas tarifas sacudiram os mercados financeiros, com níveis de volatilidade não vistos desde a pandemia de covid-19.

No entanto, Trump culpou seu antecessor, o democrata Joe Biden, pelos dados negativos desta quarta-feira.

"Só tomei posse em 20 de janeiro", escreveu Trump em sua rede Truth Social.

"As tarifas começarão a ser implementadas em breve, e as empresas estão começando a se mudar para os EUA em números recordes. Nosso país prosperará, mas precisamos nos livrar do fardo de Biden", acrescentou.

"Isso vai levar um tempo, não tem nada a ver com as tarifas, ele só nos deixou com números ruins, mas quando o boom começar, será como nenhum outro. TENHAM PACIÊNCIA !!!", ele escreveu.

Após a forte queda dos mercados em abril, o governo Trump anunciou uma pausa de 90 dias nos aumentos de tarifas para dezenas de países, com a intenção de permitir negociações. Para a maioria deles, manteve um piso de 10%.

Também anunciou medidas específicas para setores como aço, alumínio e automóveis e peças automotivas não fabricadas nos Estados Unidos.

As novas tarifas americanas chegaram a 145% sobre vários produtos chineses, e Pequim respondeu com novas taxas de 125% sobre importações dos Estados Unidos.

Trump culpa Biden por queda do PIB dos EUA

"Geralmente, a política governamental não muda muito, especialmente nos primeiros 100 dias de uma presidência", disse à AFP Tara Sinclair, professora de economia da Universidade George Washington, antes da divulgação dos dados. "Mas esta é diferente".

"Acho que está bem claro que foram as mudanças drásticas na política que enfraqueceram diretamente a economia", acrescentou.

Após os dados do PIB, Wall Street abriu em baixa nesta quarta-feira: o Dow Jones caiu 0,7%; o Nasdaq, 2,07%; e o S&P 500, 1,35%.

- "Resposta direta" a Trump -

A economia americana cresceu 2,8% no ano passado, segundo o Departamento do Comércio.

Para 2025, os especialistas esperavam que o crescimento diminuísse, mas permanecesse em torno de +2%.

Desde que Trump voltou ao poder, e com a introdução de novas tarifas, muitos analistas reduziram significativamente suas projeções de crescimento.

As importações tiveram um efeito negativo no crescimento, compensando os possíveis ganhos sobre as exportações nos cálculos do PIB.

Economia

Zona do euro cresceu acima das expectativas no 1T, apesar da incerteza

A zona do euro conseguiu resistir às tensões tarifárias lideradas pelos Estados Unidos no primeiro trimestre do ano, embora a perspectiva para o resto de 2025 sugira um retorno a um desempenho mais modesto. - Tendência no resto do ano - Esses resultados ficaram ligeiramente acima das expectativas, devido à incerteza generalizada em torno das crescentes tensões comerciais entre a UE e os Estados Unidos.

30/04/2025, 09:51

A zona do euro conseguiu resistir às tensões tarifárias lideradas pelos Estados Unidos no primeiro trimestre do ano, embora a perspectiva para o resto de 2025 sugira um retorno a um desempenho mais modesto.

O PIB da zona do euro cresceu 0,4% no primeiro trimestre em comparação com os três meses anteriores, ligeiramente acima das expectativas dos analistas de mercado, anunciou a agência europeia de estatísticas Eurostat nesta quarta-feira (30).

O início do ano foi marcado por anúncios em Washington sobre uma nova política comercial baseada em altas tarifas, o que causou suor frio nas bolsas de valores, chancelarias e diversos setores.

Nessa escalada tarifária, a UE decidiu insistir em negociações com as autoridades americanas, mas simultaneamente preparou uma pesada bateria de medidas de represália caso as negociações não mudem a situação.

A escalada repentina das tensões comerciais com os Estados Unidos ocorreu enquanto a UE buscava desesperadamente quebrar a estagnação virtual em que sua economia estava atolada desde a invasão da Ucrânia pela Rússia.

Por isso, especialistas consultados pela Bloomberg projetavam um aumento de 0,2% na zona do euro nos primeiros três meses deste ano. No último trimestre de 2024, o Eurostat registrou um aumento de 0,1%.

Para a UE como um todo — incluindo países que não usam a moeda comum — o Eurostat mediu um crescimento de 0,3% no primeiro trimestre, após ter registrado um aumento de 0,4% no último trimestre de 2024.

As principais economias da zona do euro seguiram a tendência geral.

A Alemanha, motor econômico da UE, registrou um crescimento de 0,2% no primeiro trimestre do ano, enquanto a França registrou um aumento mais modesto de 0,1%, e a Itália estimou seu crescimento em 0,3%.

Enquanto isso, entre as principais economias do bloco, a Espanha teve o melhor desempenho, com crescimento de 0,6% em relação ao trimestre anterior.

- Tendência no resto do ano -

Esses resultados ficaram ligeiramente acima das expectativas, devido à incerteza generalizada em torno das crescentes tensões comerciais entre a UE e os Estados Unidos.

Os resultados do primeiro trimestre "sugerem que a economia começou o ano mais forte do que esperávamos e do que as pesquisas de atividade sugeriram", observou a especialista Franziska Palmas, economista da consultora Capital Economics.

No entanto, a especialista acrescentou que "ainda esperamos que o crescimento desacelere acentuadamente nos próximos seis meses, já que as tarifas dos EUA anunciadas em abril impactarão a atividade econômica".

Na estimativa de Palmas, as tarifas americanas podem subtrair "cerca de 0,2% do crescimento do PIB, e qualquer impulso do estímulo fiscal alemão só chegará no final deste ano, no mínimo".

Zona do euro cresceu acima das expectativas no 1T, apesar da incerteza

Sobre a Espanha, Palmas observou que o apagão que deixou o país no escuro na segunda-feira pode "subtrair até 0,4% do crescimento do PIB do país no segundo trimestre".

Por sua vez, Sam Miley, economista do Centro de Pesquisa Econômica e Empresarial (CEBR), em Londres, observou que a tendência para o resto do ano pede cautela.

"Apesar do desempenho sólido no primeiro trimestre, a perspectiva para o bloco monetário continua fraca, impulsionada pela incerteza geopolítica e pela fraca demanda interna", observou.

Economia

Chefe de gabinete nega no Congresso ligação de Milei com 'criptogate'

O chefe de gabinete da Argentina, Guillermo Francos, afirmou nesta terça-feira, perante o Congresso nacional, que Javier Milei "não mantém nem manteve nenhum vínculo com o projeto $LIBRA", criptomoeda que foi promovida pelo presidente do país. Ele admitiu que o presidente se reuniu com os promotores da $LIBRA - Julian Peh e Hayden Davies - e com Mauricio Novelli, que os teria aproximado de Milei meses antes do lançamento da criptomoeda.

29/04/2025, 21:59

O chefe de gabinete da Argentina, Guillermo Francos, afirmou nesta terça-feira, perante o Congresso nacional, que Javier Milei "não mantém nem manteve nenhum vínculo com o projeto $LIBRA", criptomoeda que foi promovida pelo presidente do país.

A declaração foi feita no contexto de uma investigação sobre a queda, em 14 de fevereiro, do valor da criptomoeda, que Milei promoveu em uma publicação na rede social X.

A $LIBRA atingiu um valor de quase US$ 5 e, em seguida, derreteu cerca de 90% em duas horas, com prejuízos estimados em US$ 250 milhões depois que a publicação foi excluída.

No começo de abril, o Congresso aprovou a criação de uma comissão investigadora, que busca determinar se Milei agiu de má-fé no caso, que ficou conhecido como "criptogate". Funcionários do governo foram convocados a prestar esclarecimentos.

Francos explicou aos deputados que Milei "fez uma postagem em sua conta pessoal no X para divulgar um projeto que, segundo lhe foi informado, tinha como missão impulsionar a economia argentina por meio do financiamento de pequenos projetos e empresas locais".

"Não existiu coordenação, intervenção ou participação alguma do Estado, nem houve nenhum benefício econômico, relação contratual, compensação, compromisso, acordo ou participação de qualquer tipo", afirmou Francos, que compareceu sozinho à Câmara dos Deputados, depois que os ministros da Economia e da Justiça e o titular da Comissão Nacional de Valores faltaram à interpelação.

"Participarei representando todo o Poder Executivo", havia dito Francos à rádio La Red. Ele admitiu que o presidente se reuniu com os promotores da $LIBRA - Julian Peh e Hayden Davies - e com Mauricio Novelli, que os teria aproximado de Milei meses antes do lançamento da criptomoeda.

"Atento à repercussão do lançamento do projeto, e não tendo participado, em momento algum, do desenvolvimento da criptomoeda, para evitar qualquer especulação e impedir uma divulgação maior, Milei decidiu excluir a publicação", explicou Francos.

Deputados opositores chamaram a atenção para o fato de a postagem inicial do presidente incluir o número de contrato por meio do qual as pessoas podiam comprar o criptoativo. Francos respondeu que Milei "apenas divulgou informação que era pública".

"A informação não era pública. No momento em que Milei postou, o número de contrato não estava na página Viva la Libertad Project. Portanto, há uma coordenação evidente", contestou o deputado Itai Hagman.

O escândalo gerou denúncias de fraude na Argentina e nos Estados Unidos, e se tornou o principal obstáculo de Milei desde a sua posse, em dezembro de 2023, e antes das eleições de meio de mandato, em outubro.

Economia

Trump elogia Bezos após Amazon negar plano de mostrar custo de impostos

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou nesta terça-feira (29) que o fundador da Amazon, Jeff Bezos, "fez o correto" ao bloquear um plano do site de comércio eletrônico de mostrar aos consumidores o quanto os impostos afetam o preço final dos produtos. Horas antes, o porta-voz da Amazon, Tim Doyle, desmentiu uma reportagem do veículo de comunicação americano Punchbowl News segundo a qual a empresa começaria a mostrar "o quanto as tarifas de Trump aumentam o preço de cada produto", uma notícia que gerou tensão com a Casa Branca.

29/04/2025, 20:52

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou nesta terça-feira (29) que o fundador da Amazon, Jeff Bezos, "fez o correto" ao bloquear um plano do site de comércio eletrônico de mostrar aos consumidores o quanto os impostos afetam o preço final dos produtos.

Horas antes, o porta-voz da Amazon, Tim Doyle, desmentiu uma reportagem do veículo de comunicação americano Punchbowl News segundo a qual a empresa começaria a mostrar "o quanto as tarifas de Trump aumentam o preço de cada produto", uma notícia que gerou tensão com a Casa Branca.

Veículos de comunicação americanos reportaram que Trump entrou em contato com Bezos para discutir o assunto. Aparentemente confirmando essa conversa, o presidente descreveu o empresário como "muito amável" e "fantástico". "Resolveu o problema muito rapidamente e é uma boa pessoa."

"A equipe por trás da nossa loja de preços ultrabaixos Amazon Haul considerou incluir os custos de importação em alguns produtos. Isso nunca foi aprovado e não acontecerá", disse Tim Doyle, porta-voz da Amazon.

"Esse é um ato hostil e político da Amazon. Por que ela não fez isso quando o governo Biden elevou a inflação ao nível mais alto em 40 anos?", havia criticado antes a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt.

Economia

Governo e Justiça da Espanha investigarão as causas do apagão massivo

O Governo e o Judiciário da Espanha, que citaram uma possível "sabotagem informática", anunciaram nesta terça-feira (29) que vão investigar as causas do apagão massivo que deixou a Península Ibérica sem energia durante horas na segunda-feira. - "Desconexão do sistema" - Horas antes, a operadora da rede elétrica na Espanha havia descartado a possibilidade de um ataque cibernético como causa do apagão que começou pouco depois das 12h30 de segunda-feira (07h30 no horário de Brasília).

29/04/2025, 17:27

O Governo e o Judiciário da Espanha, que citaram uma possível "sabotagem informática", anunciaram nesta terça-feira (29) que vão investigar as causas do apagão massivo que deixou a Península Ibérica sem energia durante horas na segunda-feira.

"Serão tomadas as medidas necessárias para que isso nunca mais aconteça", garantiu o primeiro-ministro Pedro Sánchez em entrevista coletiva, ao anunciar a criação de uma comissão investigativa liderada pelo Ministério da Transição Ecológica.

"Os técnicos da rede elétrica continuam analisando o sistema. Esperamos receber os resultados preliminares nas próximas horas, se não dias", explicou.

"Nenhuma hipótese será descartada até que tenhamos os resultados", observou.

Paralelamente, a Audiência Nacional, jurisdição de Madri que trata de casos complexos, abriu uma investigação para apurar se houve "sabotagem informática", o que poderia constituir um "crime de terrorismo".

- "Desconexão do sistema" -

Horas antes, a operadora da rede elétrica na Espanha havia descartado a possibilidade de um ataque cibernético como causa do apagão que começou pouco depois das 12h30 de segunda-feira (07h30 no horário de Brasília).

"Com base na análise que conseguimos realizar até o momento, podemos descartar um incidente de segurança cibernética nas instalações da rede", disse Eduardo Prieto, diretor da Rede Elétrica Espanhola, em entrevista coletiva.

Uma declaração ecoada pelo governo português: "Ninguém pode dizer qual foi a origem, mas já há elementos suficientes para dizer que não há evidências de manipulação no ciberespaço", declarou o primeiro-ministro, Luis Montenegro.

A União Europeia garantiu que "aprenderá as lições" deste colapso: "Em estreita colaboração" com os operadores da rede elétrica, Bruxelas analisará atentamente "as razões, o grau de preparação e as lições a serem aprendidas", declarou a porta-voz da Comissão, Paula Pinho.

Além disso, a operadora portuguesa REN negou ter emitido um comunicado compartilhado com as redes a ela atribuídas que apontasse um "fenômeno atmosférico raro" como causa da interrupção.

Na segunda-feira, "nenhum fenômeno meteorológico ou atmosférico incomum foi detectado na Espanha", concordou a agência meteorológica espanhola.

Sánchez desvinculou a falha à falta de energia nuclear na Espanha, rejeitando as críticas do partido de extrema direita Vox, que foram amplamente compartilhadas nas redes sociais.

"Aqueles que estão vinculando esse incidente à falta de energia nuclear estão mentindo ou demonstrando sua ignorância", disse o líder socialista.

O tema da energia nuclear tem sido objeto de debate há meses na Espanha, onde o governo anunciou o fechamento iminente de dois dos seus sete reatores restantes, que atualmente produzem 20% da energia do país, em comparação com 40% da energia solar e eólica.

Governo e Justiça da Espanha investigarão as causas do apagão massivo

- Cinco segundos -

Na manhã desta terça-feira, as redes elétricas de Espanha e Portugal estavam totalmente operacionais.

Como primeira explicação para o ocorrido, Prieto mencionou "uma forte oscilação nos fluxos de potência", acompanhada de "uma perda muito significativa de geração".

"Esta perda de geração ultrapassou a perturbação de referência" usada para projetar e operar os sistemas elétricos na União Europeia, o que causou "a desconexão do sistema elétrico" da Península Ibérica "do resto do sistema europeu" e seu colapso.

O apagão foi precedido por uma perda repentina de 60% da energia da rede "em apenas cinco segundos", disse o presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez.

Nas cidades espanholas, o retorno da energia foi acompanhado por gritos de alegria após um longo dia sem luz e, em muitos casos, sem internet ou celulares.

O retorno da eletricidade permitiu a retomada do tráfego ferroviário em várias rotas principais, incluindo as movimentadas rotas Madri-Barcelona e Madri-Sevilha, de acordo com a empresa ferroviária nacional Renfe.

Na estação de Atocha, em Madri, a situação continuava complicada nesta terça-feira. A cada anúncio de partida, os viajantes aplaudiam, segundo um jornalista da AFP.

- Jornada caótica -

O metrô de Madri operava normalmente na tarde desta terça-feira, e bares e lojas foram reabertos.

A maioria das escolas também recebia alunos, embora em alguns casos sem aulas, apenas para cuidar das crianças.

Ter um rádio portátil, pilhas e velas foi muito útil para muitos, como Valentín Santiago, de 48 anos, que disse que nunca vai abrir mão do botijão de gás.

Marcos García, um advogado de 32 anos que esperava o ônibus nesta terça-feira, destaca o quão evidente se tornou a "dependência absoluta dos sistemas tecnológicos".

Um retorno total à normalidade era aguardado ansiosamente na Espanha e em Portugal após um dia caótico sem metrô, com ônibus lotados, trens parados e comunicações impossíveis.

Economia

Brics rejeita 'ressurgência do protecionismo comercial'

O Brics expressou, nesta terça-feira (29), sua forte oposição à "ressurgência do protecionismo comercial", no segundo dia da reunião de chanceleres do bloco no Rio de Janeiro, em uma reação velada às agressivas políticas tarifárias do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. A guerra comercial impulsionada por Trump tem afetado especialmente a China, com tarifas de 145% sobre seus produtos, às quais Pequim respondeu com tarifas de 125% para as importações vindas dos Estados Unidos.

29/04/2025, 17:12

O Brics expressou, nesta terça-feira (29), sua forte oposição à "ressurgência do protecionismo comercial", no segundo dia da reunião de chanceleres do bloco no Rio de Janeiro, em uma reação velada às agressivas políticas tarifárias do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

O bloco de economias emergentes destacou "a firme rejeição de todos [os países-membros] à ressurgência do protecionismo comercial", declarou em entrevista coletiva Mauro Vieira, ministro das Relações Exteriores do Brasil, que exerce a presidência rotativa do grupo.

O grupo de onze países, com a China como potência dominante, fez uma declaração em favor do multilateralismo como contrapeso às medidas unilaterais que têm gerado tensões comerciais em nível global.

Em um documento divulgado pela presidência do grupo, os chanceleres do Brics "exortam todas as partes a tomar medidas para defender o livre comércio e o sistema multilateral de comércio".

Vieira explicou que o documento é um esboço das intenções para a declaração que será emitida pelos chefes de Estado na cúpula prevista para os dias 6 e 7 de julho, também no Rio de Janeiro.

Mas "houve um consenso absoluto de todos os países" sobre "temas de disputas comerciais, tarifas", destacou.

O Brics reúne, além de Brasil e China, Rússia, Índia, África do Sul, Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia e Irã.

O bloco, que tem crescido em número de integrantes e ganhado visibilidade internacional nos últimos anos, representa quase metade da população mundial e 39% do PIB global.

Na abertura do encontro, na segunda-feira, no Palácio do Itamaraty, no centro do Rio, Vieira defendeu "a diplomacia em vez do confronto e a cooperação em vez de unilateralismo".

A guerra comercial impulsionada por Trump tem afetado especialmente a China, com tarifas de 145% sobre seus produtos, às quais Pequim respondeu com tarifas de 125% para as importações vindas dos Estados Unidos.

O Fundo Monetário Internacional já reduziu suas previsões de crescimento global para 2,8% neste ano, devido à extrema "incerteza" gerada pelas medidas protecionistas dos Estados Unidos e pelas retaliações de diversos países.

– Prematuro falar em moeda única –

Uma eventual desdolarização do comércio entre o Brics foi abordada com cautela pelos diplomatas presentes na reunião.

Já discutido durante a cúpula de outubro em Kazan, na Rússia, o tema provocou ameaças de Trump de impor tarifas de 100% ao bloco caso seguisse por esse caminho.

O chanceler russo, Serguei Lavrov, declarou que "seria prematuro debater a transição para uma moeda única" para o grupo.

Brics rejeita 'ressurgência do protecionismo comercial'

O bloco tem trabalhado para aumentar as transações comerciais nas moedas nacionais de seus membros, uma estratégia impulsionada pela Rússia em parte para contornar as sanções impostas pela guerra na Ucrânia.

Por outro lado, o Brasil liderou no primeiro dia um apelo por um reforço do multilateralismo como mecanismo para encerrar os conflitos na Ucrânia e em Gaza.

Além disso, os chanceleres discutiram a reforma dos organismos multilaterais para aumentar a representação dos países do Sul Global.

Economia

Cepal reduz estimativa de crescimento da América Latina em 2025 por guerra tarifária

A guerra tarifária provocada pelos Estados Unidos reduzirá para 2% o crescimento da América Latina este ano, projetou a Cepal nesta terça-feira (29). Segundo nota da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), a região enfrenta "um cenário internacional muito complexo e de muita incerteza" após o anúncio do 'tarifaço' feito no início do mês pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

29/04/2025, 16:43

A guerra tarifária provocada pelos Estados Unidos reduzirá para 2% o crescimento da América Latina este ano, projetou a Cepal nesta terça-feira (29).

Segundo nota da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), a região enfrenta "um cenário internacional muito complexo e de muita incerteza" após o anúncio do 'tarifaço' feito no início do mês pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Em dezembro, antes do retorno de Trump à Casa Branca, a Cepal tinha previsto uma expansão regional de 2,4% para 2025.

Mas, a comissão ajustou suas estimativas "para baixo", após o cenário aberto em 2 de abril, quando Trump anunciou tarifas alfandegárias recíprocas, que acabaram resultando em uma taxa universal de 10% para a maioria dos países latino-americanos, segundo o organismo técnico das Nações Unidas.

A China levou a pior e Pequim reagiu com tarifas sobre os produtos americanos.

Segundo a Cepal, a região será diretamente impactada em seu comércio com os Estados Unidos, que juntamente com a China, são seus principais parceiros comerciais.

A maior volatilidade dos mercados financeiros, a desaceleração da demanda externa, a instabilidade cambiária, um menor dinamismo da demanda interna e dos investimentos também vão afetar a região, segundo a Cepal.

Por sua dependência maior dos Estados Unidos, o Caribe, a América Central e o México serão os mais afetados.

Em um cenário em que a maioria das estimativas para este ano é reduzida, a Argentina é o único país que registra um aumento (+0,7%), alcançando uma expansão estimada do PIB de 5% no segundo ano do governo do libertário Javier Milei.

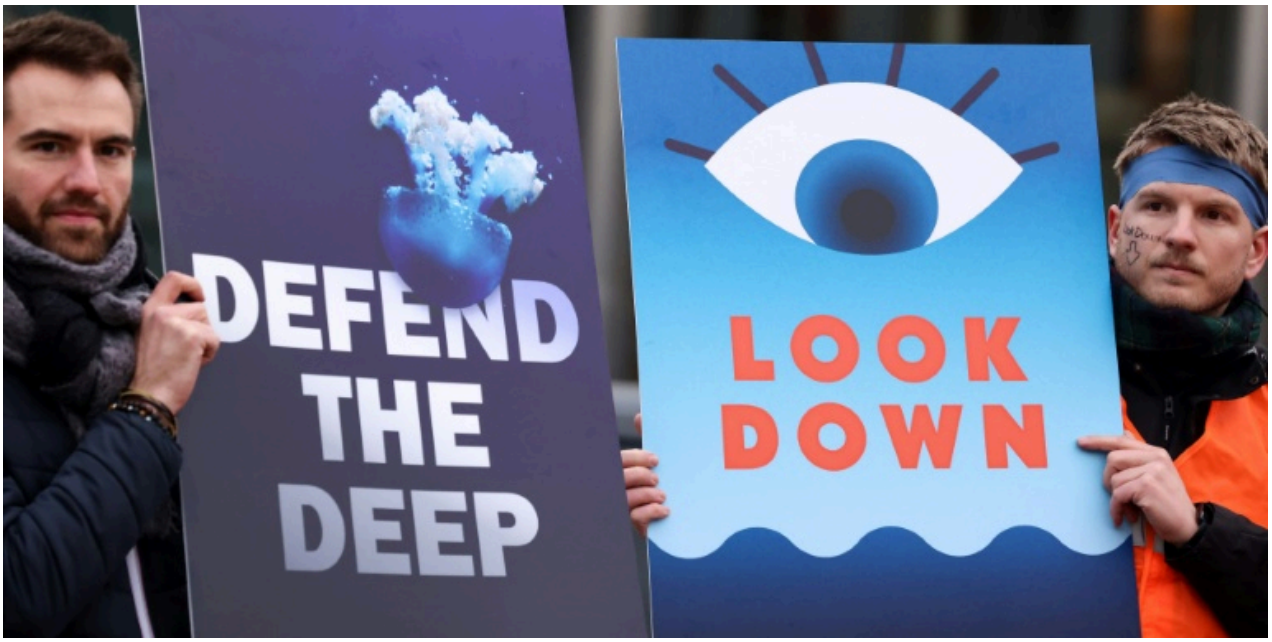
O Brasil, a maior economia da região, crescerá 2%.

Economia

Mineradora canadense apresenta aos EUA primeiro pedido de exploração em alto-mar

Aproveitando a porta aberta por Donald Trump, a empresa canadense The Metals Company apresentou nos Estados Unidos o primeiro pedido de mineração em águas internacionais, apesar da luta dos defensores dos oceanos para impedir esta nova indústria. A empresa canadense, que espera ser a primeira a explorar nódulos polimetálicos, um tipo de seixo rico em metal, no Pacífico, anunciou em março que queria solicitar ao governo dos EUA o primeiro contrato comercial de mineração em águas profundas.

29/04/2025, 13:58



Aproveitando a porta aberta por Donald Trump, a empresa canadense The Metals Company apresentou nos Estados Unidos o primeiro pedido de mineração em águas internacionais, apesar da luta dos defensores dos oceanos para impedir esta nova indústria.

O pedido de mineração comercial, apresentado às autoridades dos EUA pela subsidiária americana da empresa cobre um total de 25.000 quilômetros quadrados na área de Clarion-Clipperton (CCZ), no Pacífico, para recuperar nódulos polimetálicos ricos em minerais estratégicos para a transição energética, como o níquel para baterias ou o cobre para os cabos elétricos.

"Hoje é um marco importante, não apenas para a TMC USA, mas para a independência mineral e o ressurgimento industrial dos Estados Unidos", disse Gerard Barron, CEO da TMC.

"Com o firme apoio de Washington (...) estamos ansiosos para realizar o primeiro projeto mundial de extração comercial de nódulos", acrescentou.

A empresa canadense, que espera ser a primeira a explorar nódulos polimetálicos, um tipo de seixo rico em metal, no Pacífico, anunciou em março que queria solicitar ao governo dos EUA o primeiro contrato comercial de mineração em águas profundas.

Foi uma mudança de estratégia surpreendente: a empresa havia planejado inicialmente enviar seu pedido em junho à Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (AIFM), que tem jurisdição sobre os fundos marinhos em águas internacionais.

- "Total desrespeito" -

A TMC justificou sua estratégia pela lentidão da AIFM em adotar o "código de mineração", que deveria estabelecer as normas para a mineração comercial em alto-mar.

Na semana passada, o presidente americano Donald Trump assinou uma ordem executiva com o objetivo de acelerar a análise de solicitações e a emissão de licenças de exploração, inclusive em águas internacionais, sob uma lei de 1980 que estabelece normas para a exploração e "recuperação comercial" de minerais do fundo do mar em águas internacionais.

Os Estados Unidos não são membros da AIFM.

Em uma tentativa de se livrar da dependência da China para suprimentos de metais estratégicos, os EUA calculam que a mineração submarina poderia criar 100.000 empregos e aumentar o Produto Interno Bruto (PIB) nacional em US$ 300 bilhões (R$ 1,7 trilhão, na cotação atual) em 10 anos, segundo uma autoridade americana.

O anúncio da TMC nesta terça-feira "será lembrado como um ato de total desrespeito ao direito internacional e ao consenso científico", disse Ruth Ramos, do Greenpeace.

Os conservacionistas dos oceanos acreditam que a mineração em águas profundas ameaça ecossistemas cruciais e pouco conhecidos.

A TMC garante ter apresentado solicitações de exploração para duas áreas de CCZ à Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA (NOOA), bem como uma licença de mineração para uma dessas zonas

No total, as duas áreas já parcialmente exploradas pela TMC por meio de um contrato com a IAMF contêm cerca de 15,5 milhões de toneladas de níquel, 12,8 milhões de toneladas de cobre, 2 milhões de toneladas de cobalto e 345 milhões de toneladas de manganês, de acordo com as estimativas da empresa.

Economia

À frente do Brics, Brasil defende multilateralismo perante conflitos

O Brasil, que ocupa a presidência do Brics, exortou, nesta segunda-feira (28), o reforço do multilateralismo como mecanismo para acabar com os conflitos na Ucrânia e em Gaza, em uma reunião de chanceleres do bloco no Rio de Janeiro, também dedicada ao tema da guerra tarifária. É esperado que os chanceleres façam um apelo pelo respeito ao multilateralismo e às regras do mercado internacional, diante da guerra comercial desencadeada pelo presidente americano, Donald Trump.

28/04/2025, 20:49

O Brasil, que ocupa a presidência do Brics, exortou, nesta segunda-feira (28), o reforço do multilateralismo como mecanismo para acabar com os conflitos na Ucrânia e em Gaza, em uma reunião de chanceleres do bloco no Rio de Janeiro, também dedicada ao tema da guerra tarifária.

O encontro coincidiu com o anúncio surpresa do presidente russo, Vladimir Putin, de uma trégua de três dias na Ucrânia, de 8 a 10 de maio, considerada por Kiev como uma "tentativa de manipulação".

O presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, propôs, em contrapartida, "um cessar-fogo imediato, global e incondicional de pelo menos 30 dias".

"Defendemos a diplomacia em vez do confronto e a cooperação em vez de unilateralismo", disse o chanceler Mauro Vieira, na abertura do encontro no Palácio do Itamaraty, no centro do Rio.

"O conflito na Ucrânia continua a causar pesado impacto humanitário, ressaltando a necessidade urgente de uma solução diplomática", acrescentou.

Os chanceles dos países-membros do Brics se reúnem durante dois dias como preparação para a cúpula dos chefes de Estado e governo do bloco, prevista para 6 e 7 de julho, também no Rio.

O apelo de Vieira por uma solução diplomática para a guerra da Ucrânia acontece enquanto Washington impulsiona um acordo considerado bastante favorável a Moscou.

A Rússia é sócia fundadora do Brics, e seu chanceler, Serguei Lavrov, está presente no encontro no Rio.

A presidência brasileira do Brics também instou a "retirada total" das forças israelenses de Gaza e considerou "inaceitável" a obstrução da chegada de ajuda humanitária ao território palestino.

Israel retomou a campanha militar na Faixa de Gaza em 18 de março, depois que uma trégua de dois meses veio abaixo por desavenças com o grupo islamista palestino Hamas, cujo ataque sem precedentes contra Israel, em outubro de 2023, deu início à guerra.

"A retomada dos bombardeios israelenses em Gaza e a obstrução contínua da ajuda humanitária são inaceitáveis", disse Vieira. "É necessário assegurar a retirada total das forças israelenses de Gaza", acrescentou.

Ao menos 40 pessoas morreram nesta segunda-feira em Gaza em bombardeios israelenses, informou a agência de Defesa Civil do território palestino.

- Regras do mercado -

O Brasil exerce este ano a presidência rotativa do bloco, que também inclui Rússia, China, Índia, África do Sul, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Irã, Indonésia e Arábia Saudita.

O primeiro dia de reuniões terminou sem uma esperada declaração final sobre vários temas da agenda.

À frente do Brics, Brasil defende multilateralismo perante conflitos

O documento será divulgado na terça-feira. É esperado que os chanceleres façam um apelo pelo respeito ao multilateralismo e às regras do mercado internacional, diante da guerra comercial desencadeada pelo presidente americano, Donald Trump.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) reduziu suas previsões de crescimento mundial para 2,8% neste ano, devido aos "níveis extremamente altos de incerteza" causados pelas tarifas impostas pelos Estados Unidos e pelas represálias de vários países.

O bloco representa quase metade da população mundial e cerca de 39% do PIB global.

A guerra comercial de Trump afetou especialmente a China, também fundadora do Brics, com tarifas de 145% sobre seus produtos, às quais Pequim respondeu com tarifas de 125% sobre importações americanas.

O bloco "assumirá o papel de defensor das normas e da ordem global", mas "ao mesmo tempo buscará evitar qualquer confronto direto com a administração Trump", estimou Michael Shifter, do centro de estudos Diálogo Interamericano.

- Desdolarização? -

O tema sensível do impulso à desdolarização do comércio entre os países do Brics, debatido em outubro na cúpula de Kazan, na Rússia, e que provocou ameaças de Trump de 100% foi relativizado por Lavrov.

O chanceler russo disse que o bloco se dedica a facilitar o aumento das transações comerciais nas moedas nacionais de seus membros.

Mas "seria prematuro debater a transição para uma moeda única para o Brics", disse Lavrov ao jornal O Globo, segundo a transcrição para o inglês da entrevista publicada nesta segunda-feira pela chancelaria russa.

Em declarações anteriores à abertura do encontro, Vieira destacou que "não há planos de substituir ou criar novas moedas", e sim o interesse em realizar transações com custos menores.

Arte e Cultura

Atriz Halle Berry e cineasta Hong Sangsoo estão entre membros do júri de Cannes

A atriz americana Halle Berry, a escritora franco-marroquina Leïla Slimani e o cineasta sul-coreano Hong Sangsoo farão parte do júri do próximo Festival de Cannes, presidido pela atriz francesa Juliette Binoche, anunciou a organização nesta segunda-feira (28). No ano passado, o júri foi presidido pela cineasta americana Greta Gerwig ("Barbie") e contava entre seus membros com o ator francês Omar Sy e o diretor japonês Hirokazu Koreeda. jt-fbe/pel/sp/jvb/mb/ic/am

28/04/2025, 16:48

A atriz americana Halle Berry, a escritora franco-marroquina Leïla Slimani e o cineasta sul-coreano Hong Sangsoo farão parte do júri do próximo Festival de Cannes, presidido pela atriz francesa Juliette Binoche, anunciou a organização nesta segunda-feira (28).

Composto por nove membros (cinco mulheres e quatro homens), este júri, que também será integrado pela atriz italiana Alba Rohrwacher e pelo ator americano Jeremy Strong, escolherá o vencedor da Palma de Ouro da 78ª edição, que será realizada de 13 a 24 de maio no sul da França.

A cineasta indiana Payal Kapadia, que levou o Grand Prix no ano passado, o diretor mexicano Carlos Reygadas e o documentarista Dieudo Hamadi, da República Democrática do Congo, completam o painel que examinará os 21 filmes em competição.

Os irmãos belgas Jean-Pierre e Luc Dardenne ("The Young Mother's Home"), o iraniano Jafar Panahi ("Un Simple Accident"), o americano Wes Anderson ("O Esquema Fenício") e a francesa Hafsia Herzi ("La Petite Dernière") estão entre os nomes que disputam, entre outros títulos, a Palma de Ouro, prêmio que em 2024 foi para "Anora", do americano Sean Baker.

No ano passado, o júri foi presidido pela cineasta americana Greta Gerwig ("Barbie") e contava entre seus membros com o ator francês Omar Sy e o diretor japonês Hirokazu Koreeda.

Economia

Apagão elétrico paralisa torneio de tênis de Madri

Como o resto da Península Ibérica, o torneio de tênis de Madri ficou paralisado nesta segunda-feira (28) devido a um grande apagão elétrico, permitindo que apenas três partidas individuais fossem concluídas antes do cancelamento da rodada. "Por motivos alheios à organização e para garantir a segurança, o apagão geral que afetou a Espanha nesta segunda 28 de abril obriga a suspender tanto a sessão do dia como a da noite", do torneio de Madri", anunciou a organização no X dga-aco/pm/dam/mb/dd/aa

28/04/2025, 12:47

Como o resto da Península Ibérica, o torneio de tênis de Madri ficou paralisado nesta segunda-feira (28) devido a um grande apagão elétrico, permitindo que apenas três partidas individuais fossem concluídas antes do cancelamento da rodada.

Pouco depois das 12h30 (7h30 em Brasília), a número 4 mundial Coco Gauff estava em plena entrevista pós-partida sobre a pista Arantxa Sánchez quando seu microfone apagou de repente, como os cartazes publicitários colocados atrás dela.

O corte de energia afeta "toda a Península Ibérica e parte do território francês", segundo o gestor da rede elétrica portuguesa REN.

Pouco depois das 15h locais (10h em Brasília), o gestor da rede elétrica espanhola, alertou que seriam necessárias entre "6 e 10 horas" para recuperar totalmente o fornecimento "se tudo ocorrer bem".

Com essa informação, às 16h30 locais (11h30 em Brasília), a organização do torneio anunciou o cancelamento das demais partidas que seriam disputadas nesta segunda.

"Por motivos alheios à organização e para garantir a segurança, o apagão geral que afetou a Espanha nesta segunda 28 de abril obriga a suspender tanto a sessão do dia como a da noite", do torneio de Madri", anunciou a organização no X

Economia

Países em desenvolvimento devem buscar acordos comerciais com EUA 'o mais rápido possível', diz Banco Mundial

Os países em desenvolvimento devem tentar fechar rapidamente acordos comerciais com os Estados Unidos para limitar os efeitos das tarifas impostas pelo governo de Donald Trump, disse o presidente do Banco Mundial (BM), Ajay Banga, à AFP nesta sexta-feira (25). O Banco aconselhou os países em desenvolvimento a conseguirem um acordo rapidamente com os Estados Unidos para depois concentrar sua atenção para reduzir as barreiras comerciais e aumentar os fluxos regionais de mercadorias, disse Banga.

25/04/2025, 21:54

Os países em desenvolvimento devem tentar fechar rapidamente acordos comerciais com os Estados Unidos para limitar os efeitos das tarifas impostas pelo governo de Donald Trump, disse o presidente do Banco Mundial (BM), Ajay Banga, à AFP nesta sexta-feira (25).

"Precisam negociar sistemas comerciais com os Estados Unidos o mais rápido possível", declarou Banga durante uma entrevista em Washington. "Se demorarem, isso prejudica a todos", acrescentou.

Ajay Banga foi entrevistado à margem das reuniões de primavera (hemisfério norte) do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI), que este ano acontecem sob uma nuvem de incerteza sobre a política de tarifas do presidente Donald Trump.

O Banco aconselhou os países em desenvolvimento a conseguirem um acordo rapidamente com os Estados Unidos para depois concentrar sua atenção para reduzir as barreiras comerciais e aumentar os fluxos regionais de mercadorias, disse Banga.

As tarifas de Trump abalaram os mercados financeiros, aumentaram a volatilidade e assustaram investidores e consumidores.

Desde que retornou ao cargo em janeiro, o presidente dos Estados Unidos impôs uma tarifa "base" de 10% à maioria dos países, com taxas muito mais altas para a China, e específicas de 25% em setores como o aço, o alumínio e os automóveis não fabricados nos Estados Unidos.

Economia

Trump autoriza exploração mineral submarina, inclusive em águas internacionais

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, firmou nesta quinta-feira (24) uma ordem executiva para lançar a exploração de minerais em larga escala no fundo do oceano, inclusive em águas internacionais, apesar das advertências de organizações de defesa do meio ambiente. Jeff Watters, vice-presidente da ONG Ocean Conservancy, advertiu em comunicado que o governo americano "está abrindo caminho" para que outros países também realizem a mineração em águas internacionais, com consequências negativas para os oceanos.

25/04/2025, 05:56

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, firmou nesta quinta-feira (24) uma ordem executiva para lançar a exploração de minerais em larga escala no fundo do oceano, inclusive em águas internacionais, apesar das advertências de organizações de defesa do meio ambiente.

A decisão representa um desafio à Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (AIFM), um organismo vinculado às Nações Unidas que tem jurisdição sobre o leito marinho em alto-mar com base em acordos que Washington nunca ratificou.

Os Estados Unidos não integram a AIFM.

O decreto pede ao secretário de Comércio, Howard Lutnick, "acelerar a revisão" de solicitações "para a emissão de licenças para a exploração e extração" de minerais "para além da jurisdição" dos Estados Unidos.

Também instrui o secretário do Interior, Doug Burgum, a fazer o mesmo em águas territoriais.

Um funcionário americano de alto escalão disse que o governo estima que poderá obter bilhões de toneladas de material em dez anos.

A ordem executiva também insta o secretário de Comércio a preparar um relatório sobre "a viabilidade de um mecanismo de distribuição" dos recursos dos fundos marinhos.

Jeff Watters, vice-presidente da ONG Ocean Conservancy, advertiu em comunicado que o governo americano "está abrindo caminho" para que outros países também realizem a mineração em águas internacionais, com consequências negativas para os oceanos.

Até agora, projetos de mineração comercial no leito dos oceanos nunca foram implementados. Contudo, países como Japão e Ilhas Cook já concederam licenças de exploração em suas zonas econômicas exclusivas (ZEE).

A administração Trump estima que a mineração em águas profundas poderia gerar 100 mil empregos e aumentar o PIB americano em 300 bilhões de dólares (R$ 1,7 trilhão) em dez anos, segundo o funcionário.

"Queremos que os Estados Unidos estejam à frente de China nesse âmbito", indicou.

A extração visa principalmente os nódulos polimetálicos do fundo marinho, ricos em minerais como manganês, níquel, cobalto e cobre.

Também contêm terras raras, muito usadas na fabricação de baterias de veículos elétricos, painéis solares, smartphones e computadores.

A empresa canadense The Metals Company (TMC) anunciou este ano sua intenção de atuar à margem da AIFM e solicitar a autorização dos Estados Unidos para começar a extrair minerais de águas profundas.

Para seu CEO, Gerard Barron, o decreto "marca o retorno da liderança americana" no setor de minerais de águas profundas, segundo uma resposta enviada à AFP.

Emily Jeffers, advogada do Centro para a Diversidade Biológica, afirma que "Trump tenta expor um dos ecossistemas mais frágeis e menos compreendidos da Terra a uma exploração industrial descontrolada".

Arte e Cultura

Arqueólogos encontram restos de mulher da primeira civilização das Américas

Arqueólogos anunciaram nesta quinta-feira a descoberta dos restos de uma mulher que viveu há cerca de 5.000 anos e que teria pertencido à elite da civilização Caral, uma das mais antigas do mundo, estabelecida no norte do Peru. A descoberta é de particular interesse dos cientistas, porque mostraria que as mulheres tiveram um papel de destaque na cultura Caral, explicou David Palomino, diretor da equipe de pesquisadores responsável pela descoberta.

24/04/2025, 23:33

Arqueólogos anunciaram nesta quinta-feira a descoberta dos restos de uma mulher que viveu há cerca de 5.000 anos e que teria pertencido à elite da civilização Caral, uma das mais antigas do mundo, estabelecida no norte do Peru.

A descoberta é de particular interesse dos cientistas, porque mostraria que as mulheres tiveram um papel de destaque na cultura Caral, explicou David Palomino, diretor da equipe de pesquisadores responsável pela descoberta.

A múmia foi localizada em dezembro, em Aspero, um sítio sagrado dentro da cidade de Caral que serviu como depósito de lixo por mais de 30 anos, até ser declarado um sítio arqueológico, na década de 1990.

Palomino exibiu um vídeo e fotografias dos restos bem-preservados da mulher. "O que foi mostrado corresponde a uma mulher que, aparentemente, possuía um status elevado. Uma mulher da elite", disse o cientista à AFP, após a apresentação em Lima.

Palomino ressaltou que os restos continham "pele, parte das unhas e cabelo". Eles foram encontrados na Huaca dos ídolos, como parte da exploração realizada desde 1996 por arqueólogos liderados pela peruana Ruth Shady.

Análises bioantropológicas preliminares indicam que os restos recuperados correspondem a uma mulher de entre 20 e 35 anos, de 1,5 m de altura, e que usava um adorno na cabeça que representaria o seu status elevado.

Seu corpo estava envolto em camadas de tecidos variados e em "um manto de penas de arara", disse Palomino. Juntamente com os restos mortais, foram encontrados pequenos objetos, como uma tigela de pedra e uma cesta de palha, que foram exibidos hoje na sede do Ministério da Cultura, em Lima.

Desenvolvida entre 3000 e 1800 a.C., a civilização Caral é considerada a cultura-mãe das Américas. A cidade fica no vale de Supe, a 182 km de Lima, e foi declarada patrimônio cultural da humanidade pela Unesco em 2009.

Economia

Acordos comerciais prometidos por Trump demoram a se concretizar

As promessas de Donald Trump de acordos comerciais mais favoráveis para os Estados Unidos esfriaram nesta quinta-feira (24), quando um ministro francês advertiu que um pacto com a União Europeia (UE) ainda está longe e a China insistiu que nem sequer há um diálogo aberto. Mas o ministro da Economia da França, Eric Lombard, alertou nesta quinta em Washington que a UE e os Estados Unidos estão distantes disso.

24/04/2025, 21:09

As promessas de Donald Trump de acordos comerciais mais favoráveis para os Estados Unidos esfriaram nesta quinta-feira (24), quando um ministro francês advertiu que um pacto com a União Europeia (UE) ainda está longe e a China insistiu que nem sequer há um diálogo aberto.

Desde que voltou à Casa Branca em janeiro, Trump desencadeou uma guerra comercial para forçar uma mudança no que considera práticas desleais e revitalizar a indústria americana.

Assim, impôs tarifas de 10% à maioria de seus parceiros, incluindo a UE, onde também vigora uma sobretaxa de 25% sobre o aço, o alumínio e os veículos.

Mas Trump guardou seus golpes mais duros para a China, com um imposto de 145% sobre os bens do gigante asiático, ao que a segunda economia mundial respondeu elevando para 125% suas tarifas alfandegárias sobre os produtos originários dos Estados Unidos.

O presidente republicano repete que quer um acordo "justo" com Pequim. "Temos nos reunido com a China", disse Trump nesta quinta, embora não tenha especificado quem participa dessas discussões.

No entanto, horas antes, a China negou um diálogo. "Gostaria de enfatizar que atualmente não há negociações econômicas ou comerciais entre China e Estados Unidos", declarou o porta-voz do Ministério do Comércio, He Yadong.

O Ministério das Relações Exteriores da China também classificou como "falsas" as informações de negociações em curso.

Na quarta-feira, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, afirmou a jornalistas que as tarifas extraordinariamente altas teriam que cair antes de qualquer discussão, e enfatizou que Trump não fez nenhuma oferta unilateral para reduzir as sobretaxas alfandegárias sobre os produtos chineses.

- "Ainda estamos longe" -

Trump insiste que conseguirá acordos rápidos com todos os parceiros comerciais. Mas o ministro da Economia da França, Eric Lombard, alertou nesta quinta em Washington que a UE e os Estados Unidos estão distantes disso.

"Não vamos ocultar que ainda estamos longe de um acordo", disse a jornalistas, à margem das reuniões de primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM).

Lombard, que se reuniu esta semana com o principal conselheiro econômico da Casa Branca, Kevin Hassett, e o secretário de Comércio, Howard Lutnick, e também viu Bessent em um encontro de ministros, destacou que os diálogos foram "cordiais".

"Percebi que nossos interlocutores desejam ir o mais rápido possível", mas as negociações "terão seus altos e baixos", apontou.

Trump fixou o dia 9 de julho como data limite para negociar com seus parceiros comerciais.

México e Canadá são alvo de tarifas alfandegárias de 25% desde o início de março. Washington acusa seus dois vizinhos de não fazerem o suficiente para limitar a entrada de migrantes e de fentanil no território americano.

Acordos comerciais prometidos por Trump demoram a se concretizar

Essas tarifas foram posteriormente suspensas em grande parte, mas o México também é afetado pela taxação do aço e do alumínio em 25%, e pelos encargos sobre os automóveis.

- "Racionalizar" -

A Casa Branca assegura ter sido contatada por 90 países e diz ter recebido até agora 18 propostas escritas de acordos comerciais.

Bessent afirmou nesta quinta que um "acordo-quadro" poderia ser concluído a partir da "próxima semana" com a Coreia do Sul, país com o qual os Estados Unidos estão vinculados por um tratado de livre comércio que entrou em vigor em 2012.

Enquanto isso, Washington tenta moderar o impacto esperado de certas tarifas sobre a indústria americana, que importa enormes quantidades de matérias-primas e componentes.

Um funcionário da Casa Branca disse à AFP que se busca "racionalizar" as tarifas que afetam a indústria automotiva, sob direitos alfandegários setoriais direcionados às peças e também tarifas sobre aço e alumínio.

Com Pequim, o tom de Trump não parece precisamente se inclinar à distensão. Nesta quinta-feira, o presidente criticou violentamente a negativa da China de receber novos aviões da americana Boeing.

Também voltou a reclamar que o fentanil "continua chegando" aos Estados Unidos "da China, através do México e Canadá". "E é melhor que pare AGORA!", acrescentou.

Economia

Lucros da Alphabet crescem 46% no 1º trimestre por nuvem e IA

A empresa matriz do Google, Alphabet, registrou lucro de 34,5 bilhões de dólares (R$ 195 bilhões) no trimestre recém finalizado, um aumento de 46% em relação ao mesmo período do ano passado, impulsionado pelas operações de computação na nuvem e a inteligência artificial (IA). As receitas globais da Alphabet cresceram 12%, para 90,2 bilhões de dólares (R$ 511 bilhões), em comparação com o mesmo período do ano anterior, enquanto as receitas da unidade de nuvem aumentaram 28%, para 12,3 bilhões de dólares (R$ 69,8 bilhões), informou a gigante da tecnologia nesta quinta-feira (24).

24/04/2025, 19:09

A empresa matriz do Google, Alphabet, registrou lucro de 34,5 bilhões de dólares (R$ 195 bilhões) no trimestre recém finalizado, um aumento de 46% em relação ao mesmo período do ano passado, impulsionado pelas operações de computação na nuvem e a inteligência artificial (IA).

As receitas globais da Alphabet cresceram 12%, para 90,2 bilhões de dólares (R$ 511 bilhões), em comparação com o mesmo período do ano anterior, enquanto as receitas da unidade de nuvem aumentaram 28%, para 12,3 bilhões de dólares (R$ 69,8 bilhões), informou a gigante da tecnologia nesta quinta-feira (24).

Sundar Pichai, CEO da Alphabet, afirmou que os sólidos resultados trimestrais refletem um crescimento saudável e um impulso em todo o negócio.

"A base deste crescimento é nosso enfoque exclusivo e integral na IA", indicou Pichai no comunicado de resultados.

O executivo destacou o último software Gemini como o modelo de IA mais inteligente da Alphabet e uma "base extraordinária" para a inovação da empresa do Vale do Silício.

As ações da Alphabet subiram mais de 3% nas operações posteriores à publicação dos resultados.

"A nuvem cresceu rapidamente com uma demanda significativa de nossas soluções", disse Pichai sobre os serviços e ferramentas da Alphabet alojados em centros de dados.

Os investidores têm observado de perto se a gigante da tecnologia poderia estar investindo dinheiro demais em IA.

O Google e seus concorrentes estão gastando bilhões de dólares no desenvolvimento da IA, enquanto a ascensão do DeepSeek da China levanta questões sobre quanto deve ser gasto.

Economia

Trump critica China por ter rejeitado entrega de aviões da Boeing

O presidente americano, Donald Trump, criticou Pequim, nesta quinta-feira (24), por ter rejeitado a entrega de aviões novos da Boeing, o que descreveu como um "pequeno exemplo do que a China tem feito durante anos com os Estados Unidos". O presidente da gigante americana da aviação Boeing, Kelly Ortberg, declarou, na quarta-feira, que os clientes chineses "deixaram de receber aviões devido ao ambiente tarifário".

24/04/2025, 17:23

O presidente americano, Donald Trump, criticou Pequim, nesta quinta-feira (24), por ter rejeitado a entrega de aviões novos da Boeing, o que descreveu como um "pequeno exemplo do que a China tem feito durante anos com os Estados Unidos".

Em sua rede, Truth Social, o magnata republicano considerou que a Boeing deveria reclamar da China por "falta de pagamento".

O presidente da gigante americana da aviação Boeing, Kelly Ortberg, declarou, na quarta-feira, que os clientes chineses "deixaram de receber aviões devido ao ambiente tarifário".

Estas declarações deixaram em evidência os transtornos crescentes causados pelas tarifas impostas este mês por Trump, às quais a China respondeu com sobretaxas.

Os encargos americanos atingiram 145% sobre muitos produtos chineses e os Pequim taxam em 125% as importações procedentes dos Estados Unidos.

O bombardeio tarifário, que segundo Trump ocorre em represália a práticas comerciais desleais e para tentar impulsionar a indústria americana, sacudiu os mercados e gera temores de uma recessão mundial.

Nesta quinta, Pequim jogou água fria no aparente otimismo de Trump de alcançar um acordo para reduzir as tarifas, dizendo que as sugestões de diálogos em curso eram "infundadas".

Trump disse a jornalistas, na quarta-feira, que seu país alcançará um "acordo justo" com a China.

As tarifas alfandegárias de 145% abrangem uma taxa de 125% aplicada em abril, que se soma aos 20% adicionais, anunciados semanas antes por considerar que Pequim não combate suficientemente o tráfico de fentanil, um poderoso opioide que causa uma grave crise sanitária nos Estados Unidos.

Trump voltou a se queixar, nesta quinta, que o fentanil "continua chegando" aos Estados Unidos "da China, através do México e do Canadá". "E é melhor que pare AGORA!", acrescentou.

México e Canadá são alvos de tarifas alfandegárias de 25% desde o começo de março. Washington acusa seus dois vizinhos de não fazerem o suficiente para limitar a entrada de migrantes e fentanil nos Estados Unidos.

Estas tarifas aduaneiras foram posteriormente suspensas em grande parte, mas o México também é alvo de tarifas de 25% sobre o aço e o alumínio e por sobretaxas aos automóveis.

Economia

Presidente do Panamá tenta reabrir mina canadense apesar de moratória

O presidente do Panamá, José Raúl Mulino, afirmou, nesta quinta-feira (24), ter iniciado contatos para reabrir a maior mina a céu aberto da América Central, apesar de uma moratória vigente, determinada pela justiça, e da oposição de ambientalistas. "Começou-se a estabelecer os contatos necessários, essa mina é do Panamá (...) e o Panamá vai explorá-la", apelando a "um operador que se encarregue do [aspecto] técnico", assinalou Mulino em sua coletiva de imprensa semanal.

24/04/2025, 14:07

O presidente do Panamá, José Raúl Mulino, afirmou, nesta quinta-feira (24), ter iniciado contatos para reabrir a maior mina a céu aberto da América Central, apesar de uma moratória vigente, determinada pela justiça, e da oposição de ambientalistas.

A jazida de cobre, da filial local da empresa canadense First Quantum Minerals (FQM), foi fechada em novembro de 2023, quando a Suprema Corte panamenha considerou "inconstitucional" o contrato de concessão, em meio a protestos contra o empreendimento que paralisaram parcialmente o país.

Para potencializar a economia panamenha, Mulino pretende reabrir a mina Cobre Panamá, situada perto da costa caribenha, embora não tenha dado detalhes do que fará para superar os obstáculos legais. Críticos e coletivos ambientalistas assinalam que sua atividade é altamente contaminante.

"Começou-se a estabelecer os contatos necessários, essa mina é do Panamá (...) e o Panamá vai explorá-la", apelando a "um operador que se encarregue do [aspecto] técnico", assinalou Mulino em sua coletiva de imprensa semanal.

"Será uma operação do Panamá, não um contrato com mais ninguém", acrescentou o presidente, reforçando que a reabertura será feita "com prudência", "dentro da lei" e "em função de um benefício econômico do qual se necessita veementemente".

No Panamá vigora uma moratória para a suspensão da mineração de metais, aprovada pelo Congresso em 3 de novembro de 2023, diante dos protestos nas ruas para fechar a mina.

As organizações ambientalistas que convocaram estas manifestações são contra a reabertura e ameaçaram voltar às ruas, após acusar o presidente de ficar ao lado da empresa.

Mulino deu suas declarações depois que a empresa canadense suspendeu as arbitragens internacionais nas quais buscava uma compensação de 20 bilhões de dólares (113 bilhões de reais, na cotação atual) pelo fechamento da mina.

Nas últimas semanas, tanto o governo quanto a empresa expressaram a disposição de negociar uma possível retomada das operações.

Mulino descartou assinar um novo contrato de concessão, pois dificilmente obteria o aval do Congresso. No entanto, não detalhou qual via usará para reabrir a jazida e acabar com a moratória.

A mina, que iniciou suas operações em 2019, produzia 300.000 toneladas de concentrado de cobre ao ano, que representavam 75% das exportações e 5% do PIB do Panamá. Além disso, empregava 37.000 trabalhadores de forma direta e indireta.

Economia

Grupo Modelo, fabricante da cerveja Corona, investirá R$ 20,4 bi no México

O Grupo Modelo, fabricante da cerveja Corona, anunciou, nesta quinta-feira (24), que investirá mais de 3,6 bilhões de dólares (20,4 bilhões de reais) no México, para modernizar suas fábricas e outros projetos. Escalante explicou que o investimento será usado para modernizar as fábricas da empresa, que produzem marcas como Pacífico e Negra Modelo, além da Corona.

24/04/2025, 12:45

O Grupo Modelo, fabricante da cerveja Corona, anunciou, nesta quinta-feira (24), que investirá mais de 3,6 bilhões de dólares (20,4 bilhões de reais) no México, para modernizar suas fábricas e outros projetos.

O investimento da empresa, propriedade da multinacional com sede na Bélgica Anheuser-Busch InBev, segue os anunciados por outras como Walmart, Netflix e o banco espanhol Santander, em meio às tensões comerciais com o governo do presidente americano, Donald Trump.

"Estamos com o México como bons amigos, nos bons momentos e nos maus momentos", disse Raúl Escalante, vice-presidente de assuntos corporativos da empresa, durante a conferência matinal da presidente Claudia Sheinbaum.

Escalante explicou que o investimento será usado para modernizar as fábricas da empresa, que produzem marcas como Pacífico e Negra Modelo, além da Corona.

O Grupo Modelo também buscará investir em embalagens retornáveis e modernizar as quase 300.000 lojas locais que vendem seus produtos.

O anúncio faz parte do Plano México, um projeto do governo de Sheinbaum com o qual se busca aumentar os investimentos no país, bem como a oferta e o consumo local em diversos setores industriais, disse Escalante.

O governo mexicano disse, por sua vez, que, até o momento, foram registrados 1.937 projetos de investimento em diversas indústrias de todo o país, que representarão um valor total de 298 bilhões de dólares (1,7 trilhão de reais).

Nenhum desses projetos foi cancelado, apesar das incertezas por causa das tarifas anunciadas pelo governo americano, disse o secretário de Economia, Marcelo Ebrard.

O México, a segunda maior economia da América Latina, enfrenta uma situação econômica complexa resultante das medidas dos Estados Unidos, seu principal parceiro comercial.

As tarifas que Trump aplicou às dezenas de países excluem, no caso do México e do Canadá, todos os bens exportados sob as regras do acordo de livre comércio T-MEC.

No entanto, tanto a indústria siderúrgica quanto a automotiva, essenciais para a economia mexicana, receberam impostos adicionais.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê que a economia mexicana contrairá 0,3% em 2025, embora o governo de Sheinbaum esteja confiante em alcançar um crescimento entre 1,5% e 2,3%.

Economia

Georgieva insta Argentina a 'manter o rumo' das reformas econômicas

"A Argentina tem demonstrado que desta vez é diferente", mas deve "manter o rumo", afirmou, nesta quinta-feira (24), a diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kristalina Georgieva, referindo-se ao programa de reformas econômicas do presidente ultraliberal Javier Milei. "A Argentina tem demonstrado que desta vez é diferente.

24/04/2025, 12:31

"A Argentina tem demonstrado que desta vez é diferente", mas deve "manter o rumo", afirmou, nesta quinta-feira (24), a diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kristalina Georgieva, referindo-se ao programa de reformas econômicas do presidente ultraliberal Javier Milei.

A Argentina acordou com a organização financeira internacional um empréstimo de 20 bilhões de dólares (R$ 113,7 bilhões, na cotação atual), dos quais já recebeu US$ 12 bilhões (R$ 68 bilhões).

Se forem somadas as ajudas do Banco Mundial (BM) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), anunciadas este mês, o país contará com 42 bilhões de dólares (R$ 238,8 bilhões).

Esta nova injeção de recursos deve permitir estabilizar o peso argentino e continuar com a queda da inflação, de 211% ao ano no final de 2023 para 55,9% em março de 2025, o último dado disponível.

Em troca, o governo suspendeu vários controles no mercado de divisas, vigentes desde 2019. E introduziu um novo sistema de flutuação em bandas para a cotação do dólar, com um mínimo de 1.000 e um máximo de 1.400 pesos, cujos limites serão ampliados ao ritmo de 1% mensal.

"A Argentina tem demonstrado que desta vez é diferente. Desta vez, há decisão de sanear a economia", disse Georgieva, durante uma coletiva de imprensa sobre o país cronicamente endividado, que recebeu 23 empréstimos do FMI, contando com o último.

O governo o tem demonstrado "passando de um déficit alto para um superávit, de inflações de dois dígitos para uma inflação que em fevereiro caiu abaixo de 3%, passando da pobreza em mais de 50% para cerca de 37%, ainda muito alta, mas em queda", exemplificou, durante as reuniões da primavera do FMI e do Banco Mundial, em Washington.

"O Estado está deixando de lado seu papel para permitir um dinamismo maior no setor privado", acrescentou, a respeito das reformas impulsionadas por Milei, que desencadearam protestos contra as demissões e a paralisação das obras públicas.

Seria um risco que o país implementasse as mudanças sozinho, mas vem sendo acompanhado, lembrou Georgieva.

"Quando o programa foi anunciado, o impacto imediato nos mercados foi positivo porque, entre outras coisas (...), o país não está sozinho. Nós estamos aí, o Banco Mundial está aí, o Banco Interamericano de Desenvolvimento intensifica seu trabalho", explicou.

Isso não significa que esteja isento de riscos.

"A piora do ambiente global, em igualdade de condições, impactaria negativamente a Argentina" e em nível nacional é muito importante que não descarrilhe na vontade de mudança" por causa das eleições legislativas de outubro, avaliou Georgieva.

"Até agora, não vemos que esse risco se materialize, mas insto a Argentina a manter o rumo", concluiu a chefe do FMI.

Economia

EUA levantou temas 'importantes', diz Georgieva sobre críticas ao FMI

As críticas recentes dos Estados Unidos ao Fundo Monetário Internacional (FMI) levantaram "uma série de temas e prioridades importantes", declarou nesta quinta-feira (24) a diretora da organização, Kristalina Georgieva, em Washington. "Levantou uma série de temas e prioridades importantes para a instituição que espero com interesse debater com as autoridades americanas e com os membros em seu conjunto", declarou.

24/04/2025, 12:03

As críticas recentes dos Estados Unidos ao Fundo Monetário Internacional (FMI) levantaram "uma série de temas e prioridades importantes", declarou nesta quinta-feira (24) a diretora da organização, Kristalina Georgieva, em Washington.

Na quarta-feira, o secretário de Tesouro americano, Scott Bessent, criticou o que qualificou de agendas "desfocadas" do FMI e do Banco Mundial (BM).

Bessent considerou que o FMI dedica "um tempo desproporcional" à mudança climática, ao gênero e a outros temas sociais, ao invés de se centrar na cooperação monetária mundial e na estabilidade financeira.

Ele também criticou o Fundo por não denunciar a China por ter "aplicado políticas de distorção a nível mundial e práticas monetárias nebulosas durante muitas décadas". Mas não exigiu reformas importantes da organização.

Em uma coletiva de imprensa, Georgieva agradeceu a Bessent, que reiterou o compromisso dos Estados Unidos com o Fundo e sua função.

"Levantou uma série de temas e prioridades importantes para a instituição que espero com interesse debater com as autoridades americanas e com os membros em seu conjunto", declarou.

"Temos muito caminho para percorrer e estamos totalmente centrados nisso", acrescentou.

Em resposta às críticas de Bessent sobre o enfoque do Fundo na mudança climática, Georgieva explicou que alguns países-membros se veem mais afetados que outros por fenômenos meteorológicos extremos.

"Por exemplo, os países do Caribe, que sofrem regularmente com desastres por fenômenos meteorológicos extremos, naturalmente estão muito preocupados com isso", explicou. "E se perguntam: como podemos ser mais resilientes frente a essas crises?".

"As pessoas acreditam que temos especialistas em clima", acrescentou, em alusão ao papel relativamente limitado do Fundo na luta contra a mudança climática. "Não temos. Esse não é o nosso trabalho", disse.

Georgieva também abordou a incerteza gerada pela imposição de tarifas do presidente americano, Donald Trump, que inquieta os investidores.

"A preocupação que escuto com mais frequência não são sequer as tarifas, mas sim a incerteza", disse, se referindo às conversas que manteve essa semana com os 191 países-membros do Fundo durante as reuniões de primavera em Washington.

"A incerteza é realmente prejudicial para os negócios", acrescento. "Portanto, quanto antes se dissipe essa nuvem que está sobre nós, melhores serão as perspectivas de crescimento".

Economia

Pequim nega negociações comerciais em curso entre EUA e China

Pequim negou nesta quinta-feira (24) que existam negociações comerciais em curso entre os Estados Unidos e a China, após o presidente Donald Trump sugerir que há um diálogo aberto para solucionar o impasse entre as duas maiores economias do mundo. As duas maiores economias do mundo estão envolvidas em uma batalha comercial desencadeada pelas novas tarifas anunciadas por Trump sobre os produtos chineses, que alcançam 145% em alguns casos.

24/04/2025, 06:20

Pequim negou nesta quinta-feira (24) que existam negociações comerciais em curso entre os Estados Unidos e a China, após o presidente Donald Trump sugerir que há um diálogo aberto para solucionar o impasse entre as duas maiores economias do mundo.

"Como departamento competente na área de relações econômicas e comerciais com o exterior, gostaria de destacar que atualmente não há negociações econômicas, nem comerciais, entre a China e os Estados Unidos", declarou o porta-voz do Ministério do Comércio chinês, He Yadong, em uma entrevista coletiva.

As duas maiores economias do mundo estão envolvidas em uma batalha comercial desencadeada pelas novas tarifas anunciadas por Trump sobre os produtos chineses, que alcançam 145% em alguns casos.

Pequim respondeu com novas tarifas de 125% sobre as importações dos Estados Unidos.

A disputa comercial – que, segundo Trump, é uma retaliação por práticas comerciais injustas – abalou os mercados e aumentou os temores de uma recessão global.

O porta-voz do ministério chinês afirmou que "qualquer declaração sobre o progresso das negociações econômicas e comerciais entre China e Estados Unidos carece de fundamento e base factual".

"A China pede que os Estados Unidos corrijam suas práticas equivocadas, mostrem a sinceridade necessária para as conversações (e) retornem ao caminho correto do diálogo e consulta em condições de igualdade", acrescentou.

Trump declarou na quarta-feira à imprensa que seu país buscaria um "acordo justo com a China".

Questionado se havia iniciado conversas com Pequim, o republicano respondeu: "Tudo está ativo".

Economia

Nintendo otimista com a pré-venda do Switch 2 no Japão

As ações da Nintendo subiram nesta quinta-feira (24), depois que a empresa anunciou uma demanda maior que a esperada nas vendas antecipadas de seu novo console Switch 2. As ações da empresa com sede em Kyoto subiram 5,5% nesta quinta-feira.

24/04/2025, 06:08

As ações da Nintendo subiram nesta quinta-feira (24), depois que a empresa anunciou uma demanda maior que a esperada nas vendas antecipadas de seu novo console Switch 2.

O sucessor do Switch, o terceiro console mais vendido depois do PlayStation 2 da Sony e do Nintendo DS, deve chegar às lojas de todo o mundo no dia 5 de junho.

Uma mensagem na rede social X atribuída ao presidente da empresa, Shuntaro Furukawa, indicou na quarta-feira que havia 2,2 milhões de pedidos de compra antecipada para o console no Japão.

É um número "extremamente elevado, que supera em muito nossa expectativa inicial", destacava a mensagem.

"Também supera significativamente a quantidade de consoles Switch 2 que poderão ser entregues na data de lançamento", acrescenta.

As ações da empresa com sede em Kyoto subiram 5,5% nesta quinta-feira.

A Nintendo diversificou suas atividades com parques temáticos e produções de filmes, mas analistas afirmam que 90% de sua receita vem dos negócios do Switch.

No início de abril, a Nintendo revelou detalhes de seu novo modelo, um console híbrido que pode ser usado de modo portátil ou conectado à tela da televisão.

O preço, no entanto, provocou surpresa por ser mais de um terço superior ao Switch original nos mercados principais, como nos Estados Unidos, onde custará 449,99 dólares (2.560 reais na cotação atual).

A Nintendo adiou a pré-venda do Switch 2 nos Estados Unidos enquanto avalia o impacto das tarifas anunciadas pelo presidente Donald Trump.

Economia

UE anuncia multas elevadas contra Apple e Meta em meio a tensões comerciais com EUA

A Comissão Europeia, braço executivo da União Europeia (UE), anunciou, nesta quarta-feira (23), a imposição de multas de centenas de milhões de euros contra Apple e Meta, gigantes do setor digital, uma iniciativa que pode gerar a ira do governo dos Estados Unidos. A Apple recebeu uma multa de 500 milhões de euros (2,8 bilhões de reais) e a Meta (matriz do Facebook e Instagram) uma punição de 200 milhões de euros (1,13 bilhão de reais), por violação das normas vigentes sobre a concorrência.

23/04/2025, 20:16

A Comissão Europeia, braço executivo da União Europeia (UE), anunciou, nesta quarta-feira (23), a imposição de multas de centenas de milhões de euros contra Apple e Meta, gigantes do setor digital, uma iniciativa que pode gerar a ira do governo dos Estados Unidos.

A Apple recebeu uma multa de 500 milhões de euros (2,8 bilhões de reais) e a Meta (matriz do Facebook e Instagram) uma punição de 200 milhões de euros (1,13 bilhão de reais), por violação das normas vigentes sobre a concorrência.

Estas são as primeiras multas aplicadas pela Comissão com base na Lei de Mercados Digitais (DMA, na sigla em inglês), que entrou em vigor no ano passado e exige que os gigantes do setor se ajustem às normas europeias sobre concorrência.

A Comissão advertiu que as multas podem aumentar caso Apple e Meta não iniciem a adaptação no prazo de 60 dias.

Desde que Donald Trump retornou à Casa Branca, a DMA e a lei que a acompanha, a Lei de Serviços Digitais (DSA), se tornaram alvos de fortes críticas do governo dos Estados Unidos.

As autoridades em Washington argumentam que a legislação constitui uma "barreira não tarifária" que afeta de forma desproporcional as empresas americanas.

- Mensagem "forte e clara" -

Em visita ao México, a comissária europeia de Transição Limpa, Justa e Competitiva, Teresa Ribera, negou que as multas tenham algum viés pelas tensões comerciais com o governo Trump, que impôs tarifas de 20% às exportações da UE.

Estas taxas foram suspensas, enquanto avançam as negociações entre as duas partes.

As normas que apoiam a medida não admitem "exceções porque nos desagradam, nos agradam, venham de um lugar ou de outro", disse Ribera em coletiva de imprensa.

"Curiosamente, nestas mesmas semanas foram tomadas decisões muito parecidas nos Estados Unidos em relação a estas mesmas empresas", acrescentou a comissária, que afirmou, em um comunicado anterior, que as sanções são "firmes, porém equilibradas".

Neste caso específico, a Apple é acusada de limitar a capacidade de operação de desenvolvedores de aplicativos alternativos, que não podem oferecer preços menores.

Por isso, a Comissão ordenou à empresa que "elimine as restrições técnicas e comerciais" e que se abstenha de "perpetuar a conduta" ou de adotar medidas internas que tenham efeito equivalente.

Em um comunicado, a Apple informou que vai apresentar recurso contra a multa, mas que continuará "em contato com a Comissão, em apoio aos nossos usuários europeus".

"Apesar das inúmeras reuniões, a Comissão continua mudando os objetivos a cada passo do caminho", lamentou a empresa, que afirmou ter investido "centenas de milhares de horas de engenharia" para se adaptar às exigências.

UE anuncia multas elevadas contra Apple e Meta em meio a tensões comerciais com EUA

Já a Meta foi multada pelo modelo de privacidade imposto aos usuários, que devem autorizar o uso das informações que fornecem ou pagar uma tarifa, um sistema que a Comissão considerou que "não está adequado à DMA".

A empresa passou a aplicar esse modelo em sua operação no espaço da UE após a entrada em vigor da DMA.

"Nós mudamos nosso modelo de negócios duas vezes para cumprir com a DMA, e ainda assim a Comissão Europeia exige que façamos mais mudanças (...) e nos obriga, de fato, a oferecer nossos serviços de forma gratuita", afirmou um porta-voz da Meta.

Por isso, acrescentou, a Meta "possivelmente recorrerá" da aplicação da multa.

Economia

Doze estados contestam na Justiça tarifas de Trump

Uma aliança de 12 estados lançou nesta quarta-feira um desafio legal às tarifas impostas por Donald Trump, uma vez que seus líderes, democratas, entendem que o presidente republicano não poderia tê-las imposto sem a aprovação do Congresso. Segundo a ação movida hoje, a lei de 1977 invocada por Trump não lhe permite usar medidas de emergência para impor tarifas, um poder que a Constituição atribui ao Congresso.

23/04/2025, 20:09

Uma aliança de 12 estados lançou nesta quarta-feira um desafio legal às tarifas impostas por Donald Trump, uma vez que seus líderes, democratas, entendem que o presidente republicano não poderia tê-las imposto sem a aprovação do Congresso.

O grupo, que inclui Arizona, Oregon, Nova York e Minnesota, segue a iniciativa da Califórnia, que contestou judicialmente as tarifas de Trump na semana passada. "O plano tarifário insano não é apenas economicamente imprudente, mas também ilegal", afirmou a procuradora-geral do Arizona, Kris Mayes.

Trump fez as bolsas de valores mundiais caírem por questionar décadas de livre-comércio. Ele lançou uma guerra comercial contra a China e impôs tarifas de 10% sobre produtos de dezenas de países.

Segundo a ação movida hoje, a lei de 1977 invocada por Trump não lhe permite usar medidas de emergência para impor tarifas, um poder que a Constituição atribui ao Congresso. "O presidente alterou a ordem constitucional e mergulhou a economia americana no caos", afirma o texto, apresentado ao Tribunal de Comércio Internacional dos Estados Unidos.

Trump afirma que, a longo prazo, sua política protecionista vai trazer a produção industrial de volta para os Estados Unidos. Mas, a curto prazo, ela gera grande incerteza, e é provável que aumente a inflação e o desemprego, segundo economistas.

Economia

Trump busca 'acordo justo' com a China

O presidente americano, Donald Trump, mencionou, nesta quarta-feira (23), a possibilidade de um acordo comercial "justo" com a China, sem que as negociações propriamente ditas para alcançá-lo tenham começado, segundo seu secretário do Tesouro. Trump disse a jornalistas que seu país obterá um "acordo justo com a China".

23/04/2025, 20:01

O presidente americano, Donald Trump, mencionou, nesta quarta-feira (23), a possibilidade de um acordo comercial "justo" com a China, sem que as negociações propriamente ditas para alcançá-lo tenham começado, segundo seu secretário do Tesouro.

Trump disse a jornalistas que seu país obterá um "acordo justo com a China". Perguntado se tem mantido conversações com Pequim, o presidente republicano respondeu: "Tudo está ativo".

As tensões comerciais entre as duas maiores economias do mundo dispararam após o aumento das tarifas às importações procedentes da China este ano, com 145% adicionais sobre muitos produtos devido a práticas que Washington considera injustas, entre outros problemas.

Pequim, por sua vez, reagiu com novas tarifas alfandegárias de 125% sobre os produtos americanos.

Horas antes, a China assegurou estar aberta ao diálogo com Washington.

"Se tivermos que lutar, iremos até o fim, mas as portas do diálogo seguem abertas", declarou Guo Jiakun, porta-voz do ministério chinês das Relações Exteriores.

Mas Scott Bessent, secretário do Tesouro americano, afirmou que os diálogos não começaram.

"Acredito que as duas partes estão esperando para falar com a outra", disse, durante um ato à margem das reuniões da primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM), em Washington.

Ele também avaliou que as taxas adotadas pelos dois países devem diminuir como pré-requisito para qualquer negociação.

- Não "sustentável" -

"Não acho que nenhuma das partes considere sustentáveis os níveis tarifários atuais, portanto não me surpreenderia que fossem reduzidos de forma mútua", acrescentou.

"Isto equivale a um embargo, e uma ruptura comercial entre os dois países não beneficia ninguém", declarou Bessent.

Ele insistiu em que "é possível uma desescalada de ambas as partes", mas não deu uma data, nem um prazo para os diálogos bilaterais.

A esperança de um alívio nas pressões levaram os mercados financeiros a se recuperarem nesta quarta-feira. Em Wall Street, o Dow Jones subiu 1,07%, o índice Nasdaq avançou 2,50% e o índice S&P 500 teve alta de 1,67%.

Donald Trump impôs tarifas alfandegárias a todos os parceiros comerciais dos Estados Unidos no começo de abril, particularmente da Europa e da Ásia, provocando uma tempestade nos mercados mundiais.

Trump busca 'acordo justo' com a China

Uma semana depois, reduziu-as para o mínimo universal de 10%, exceto para a China.

Também seguem vigentes as tarifas ao aço, ao alumínio e aos automóveis.

Segundo o jornal Financial Times, o presidente republicano avalia isenções para peças soltas a fim de atenuar a pressão tarifária sobre os fabricantes americanos.

Nesta quarta-feira, o embaixador chinês, Fu Cong, criticou duramente os Estados Unidos na ONU, acusando o país de impor tarifas alfandegárias "com diversos pretextos a todos os seus parceiros comerciais", de praticar a "intimidação" e de perturbar "gravemente" a "ordem econômica mundial".

Arte e Cultura

Carlos Santana adia shows devido a Covid

O músico americano Carlos Santana adiou vários shows de sua turnê, após testar positivo para Covid-19, anunciou nesta quarta-feira seu representante, Michael Vrionis. "Santana testou positivo e está descansando no hotel", publicou o representante no perfil do guitarrista no Facebook.

23/04/2025, 19:22

O músico americano Carlos Santana adiou vários shows de sua turnê, após testar positivo para Covid-19, anunciou nesta quarta-feira seu representante, Michael Vrionis.

O artista, 77, teve uma desidratação ontem, o que o obrigou a cancelar uma apresentação em San Antonio, Texas. Por precaução, o show marcado para hoje em Sugar Land também acontecerá em outra data, a ser definida, informou Vrionis.

"Santana testou positivo e está descansando no hotel", publicou o representante no perfil do guitarrista no Facebook. "Tenho o prazer de informar que ele passa bem e que retomará sua turnê pelos Estados Unidos na próxima sexta-feira, em Thackerville", Oklahoma.

Santana é um dos guitarristas mais conhecidos no mundo. Ele alcançou a fama após uma apresentação lendária em 1969, em Woodstock. Sua carreira ganhou força novamente no começo dos anos 2000, com o álbum "Supernatural", que foi um sucesso de vendas e ganhou um Grammy.

Arte e Cultura

Jane Fonda acusa Trump de ter feito 'pacto com o diabo'

"Sabemos de qual lado está", disse a atriz e ativista Jane Fonda ao acusar, nesta quarta-feira (23), o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de ter "feito um pacto com o diabo" por seu apoio à exploração de combustíveis fósseis. "Está claro para qualquer um que tenha olhos para ver que o presidente Trump fez um pacto com o diabo, sendo o diabo da indústria dos combustíveis fósseis", declarou em uma coletiva de imprensa ao lado de responsáveis da organização ambientalista internacional Greenpeace.

23/04/2025, 19:20

"Sabemos de qual lado está", disse a atriz e ativista Jane Fonda ao acusar, nesta quarta-feira (23), o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de ter "feito um pacto com o diabo" por seu apoio à exploração de combustíveis fósseis.

"Está claro para qualquer um que tenha olhos para ver que o presidente Trump fez um pacto com o diabo, sendo o diabo da indústria dos combustíveis fósseis", declarou em uma coletiva de imprensa ao lado de responsáveis da organização ambientalista internacional Greenpeace.

Conhecido por seu negacionismo sobre a mudança climática, Trump denunciou o Acordo de Paris quando retornou ao poder, em 20 de janeiro.

Desde então, prometeu "impulsionar" a extração de carvão nos Estados Unidos e, em termos gerais, se comprometeu a apoiar a exploração dos combustíveis fósseis por meio da desregulamentação.

"Estas regulamentações (ambientais) permitem que o povo americano e as pessoas de todo o planeta respirem ar puro, bebam água limpa, e ele (Trump) está disposto a sacrificar tudo isso", denunciou a atriz americana de 87 anos.

"Então, nós sabemos de que lado ele está. Está do lado da morte, está nos matando e está matando a natureza da qual dependemos para viver", insistiu.

Mas segundo Fonda, apesar das tentativas de Trump de "demolir o multilateralismo, de minar os processos internacionais para proteger a natureza... a esperança para o futuro do planeta ainda é possível" com medidas para aliviar a crise climática, disse a ativista, que instou a sociedade a "resistir com todas as nossas forças".

"Normalmente, no Dia da Terra (22 de abril), dizemos 'Reduzir, reutilizar, reciclar'. Mas este ano dizemos 'Reduzir, Reutilizar, Resistir'", ressaltou a atriz.

Economia

FMI e Banco Mundial se desviaram do 'propósito', diz secretário do Tesouro dos EUA

O secretário do Tesouro americano, Scott Bessent, criticou, nesta quarta-feira (23), o que qualificou de agendas "desfocadas" do FMI e do Banco Mundial (BM) e pediu às duas instituições que se concentrem em "seu propósito" e dediquem menos tempo às mudanças climáticas e a temas sociais. Bessent considerou que o FMI dedica "um tempo desproporcional" às mudanças climáticas, a questões de gênero e outros temas sociais.

23/04/2025, 18:31

O secretário do Tesouro americano, Scott Bessent, criticou, nesta quarta-feira (23), o que qualificou de agendas "desfocadas" do FMI e do Banco Mundial (BM) e pediu às duas instituições que se concentrem em "seu propósito" e dediquem menos tempo às mudanças climáticas e a temas sociais.

Embora o Fundo Monetário Internacional e o BM desempenhem um papel fundamental na economia mundial, "com o status quo, estão ficando aquém", disse Bessent, à margem das reuniões da primavera destas organizações financeiras, em Washington.

Seus comentários chegam em um momento de grande preocupação com a hipótese de que o governo do presidente americano, Donald Trump, se retire das duas instituições.

Bessent considerou que o FMI dedica "um tempo desproporcional" às mudanças climáticas, a questões de gênero e outros temas sociais.

"A administração Trump deseja trabalhar com eles, sempre que se mantenham fiéis a suas missões", disse Bessent, acrescentando que o FMI deveria se concentrar na cooperação monetária mundial e na estabilidade financeira.

O Banco Mundial, afirmou, deveria se concentrar em funções básicas, como ajudar os países em desenvolvimento a fazer crescer suas economias, reduzir a pobreza e impulsionar o investimento privado.

Após seu discurso, Bessent informou a jornalistas que se reuniu com a diretora-gerente do FMI, Kristalina Georgieva, e o presidente do Banco Mundial, Ajay Banga.

As declarações "não foram uma surpresa para eles", declarou. "Acredito que são bons líderes e espero que ganhem a confiança da administração nos próximos meses com suas ações", acrescentou Bessent. "Devem dar um passo atrás em suas agendas dispersas e desfocadas".

Ele pediu que o FMI seja mais duro com os tomadores de empréstimos porque o Fundo "não tem a obrigação de emprestar a países que não aplicam reformas".

"A estabilidade econômica e o crescimento deveriam ser os indicadores de sucesso do FMI, não a quantidade de dinheiro que a instituição empresta", afirmou.

Um porta-voz do FMI declarou a jornalistas que o Fundo espera continuar colaborando com o governo americano.

Quanto ao Banco Mundial, Bessent afirmou que a instituição tampouco deveria "seguir esperando cheques em branco". Ele acredita que a instituição poderia usar os recursos de forma mais eficiente, ajudando os países emergentes a impulsionarem o acesso à energia com "tecnologias confiáveis", ao invés de perseguir metas de financiamento climático distorcionárias", ou seja, que causam distorções.

Isto poderia significar investir na produção de gás e outras energias baseadas em combustíveis fósseis, disse.

Mas, Bessent elogiou os esforços do banco em eliminar as restrições ao apoio à energia nuclear.

Por outro lado, considerou "absurdo" que a China continue sendo considerado um país em desenvolvimento e disse que não se preocupa de que o FMI tenha reduzido as perspectivas de crescimento para os Estados Unidos.

FMI e Banco Mundial se desviaram do 'propósito', diz secretário do Tesouro dos EUA

Economia

Impacto da guerra comercial está cada vez mais tangível nos EUA, demonstra Fed

Menos gastos, viagens e turistas, mas também menos contratações. Segundo o Fed, "tanto as viagens de lazer como de negócios diminuíram de modo geral e várias regiões observaram uma queda no número de visitantes internacionais".

23/04/2025, 18:31

Menos gastos, viagens e turistas, mas também menos contratações. O impacto da guerra comercial iniciada pelo presidente Donald Trump é perceptível até mesmo nos Estados Unidos, segundo uma pesquisa do Federal Reserve (Fed, banco central americano), publicada nesta quarta-feira (23).

"As perspectivas em várias regiões pioraram consideravelmente à medida que aumenta a incerteza econômica, particularmente em torno das tarifas", indicou a pesquisa "Livro Bege" do Fed, que consulta regularmente atores econômicos e especialistas sobre a situação atual.

A "incerteza sobre a política de comércio internacional foi generalizada nos relatórios" dos 12 distritos consultados pelo banco central americano.

Desde que retornou ao poder, Trump impôs tarifas de 10% sobre a maioria dos parceiros comerciais dos Estados Unidos. Um grande número de importações chinesas foram impactadas com taxações de até 145%, o que eleva o total tarifário a até 245% para alguns bens, incluindo carros elétricos.

Segundo o governo, o forte aumento de tarifas sobre os produtos que entram nos EUA permitirá reorientar atividades e empregos no país, mas também gerar receita pública para financiar o corte de impostos.

No curto prazo, esta política protecionista abalou a principal economia do mundo, sustentada em grande parte no alto nível de consumo de seus habitantes.

No período de realização da pesquisa, que terminou em 14 de abril, "o gasto dos consumidores, excluindo os veículos, foi inferior de forma geral".

"A maioria das regiões observou vendas moderadas a robustas de automóveis e de alguns bens duráveis", como móveis, mas, de acordo com a pesquisa do Fed, "foram geralmente atribuídas a uma corrida para comprar" antes que as tarifas aumentassem os preços.

Segundo o Fed, "tanto as viagens de lazer como de negócios diminuíram de modo geral e várias regiões observaram uma queda no número de visitantes internacionais".

A pesquisa também ressalta que "a maior parte das empresas" consultadas estima que seus custos excedentes com as tarifas sejam repassados aos seus preços de venda.

Quanto à situação do emprego, "vários distritos reportaram que as empresas adotaram uma postura de aguardar, suspendendo ou freando as contratações até que haja mais clareza sobre as condições econômicas".

Paralelamente, "houve relatos dispersos de que as empresas estão se preparando para fazer demissões".

Também observou que, como o governo Trump está se esforçando para reduzir os gastos e o tamanho do Estado, houve "cortes nos subsídios federais, bem como uma diminuição nas doações filantrópicas, causando lacunas nos serviços oferecidos por várias organizações".

Economia

Mineradores bloqueiam La Paz contra falta de combustível

Milhares de mineradores bloquearam nesta quarta-feira as principais vias do centro de La Paz, em protesto contra a escassez de combustível e a crise econômica na Bolívia. Os mineradores saíram em passeata por La Paz, onde bloquearam as principais vias do centro.

23/04/2025, 17:59

Milhares de mineradores bloquearam nesta quarta-feira as principais vias do centro de La Paz, em protesto contra a escassez de combustível e a crise econômica na Bolívia.

Desde 2023, o país enfrenta dificuldades econômicas devido à falta de dólares, que afetou, entre outras coisas, sua capacidade de importar combustível. Os mineradores cobram uma atenção maior do governo e apontam problemas graves na produção do setor, uma das principais fontes de receita do país.

Honorato Condori, líder do sindicato da Federação de Cooperativas de Mineração da Bolívia (Fencomin), explicou que elas enfrentam dificuldades devido "à falta de diesel", um combustível essencial para as suas operações, e de material explosivo.

Os mineradores saíram em passeata por La Paz, onde bloquearam as principais vias do centro. A polícia fechou as ruas que dão acesso à praça de armas, onde ficam os gabinetes presidenciais e o Congresso. O ministro da Mineração, Alejandro Santos Laura, pediu um diálogo.

Economia

Taxa de câmbio será liberada 'com o tempo' na Argentina, diz presidente do BC

A livre flutuação da taxa de câmbio na Argentina "ocorrerá com o tempo", sem uma data que gere "ansiedade" e "incerteza", afirmou, nesta quarta-feira (23), Santiago Bausili, presidente do Banco Central do país, durante um ato no FMI, em Washington. Não há uma etapa posterior que gere ansiedade e que cause incerteza", prometeu Bausili.

23/04/2025, 17:38

A livre flutuação da taxa de câmbio na Argentina "ocorrerá com o tempo", sem uma data que gere "ansiedade" e "incerteza", afirmou, nesta quarta-feira (23), Santiago Bausili, presidente do Banco Central do país, durante um ato no FMI, em Washington.

Em uma sala lotada, Bausili explicou os desafios do programa de ajuste econômico do presidente ultraliberal Javier Milei.

"A Argentina tinha ficado sem opções" e o "banco central imprimia dinheiro constantemente por duas razões: para financiar o Tesouro e para pagar juros sobre seus próprios títulos", começou dizendo no Fundo Monetário Internacional.

Seria preciso tornar o peso mais atraente. Ao invés de optar pelo método tradicional, que é "aumentar os juros e dizer às pessoas para manter esta moeda, porque ao final do ciclo ficarão mais ricas" e receberão juros, "adotamos uma postura muito agressiva".

O Banco Central argentino levou "as taxas de juros a um terreno negativo em termos reais, o que era arriscado, mas confiamos no fato de que tínhamos controles de capital fortes e pensamos que a proposta de escassez seria mais atraente", explicou Bausili.

As taxas de juros negativas buscam que os investidores e as empresas invistam mais ao invés de acumular capital.

"Começamos desenhando o programa com uma suposição muito forte, que é não temos nenhuma credibilidade (...) Não importa quem esteja no cargo, quem desenhou o programa, quem está dizendo o que, zero credibilidade. E a credibilidade é uma ferramenta política extremamente poderosa", disse Bausili.

Sob o governo de Milei, a Argentina entrou em uma nova etapa do programa de ajuste.

"Nós a chamamos de fase três. É como o iPhone", brincou Bausili.

O país, cronicamente endividado, conta com uma ajuda para seu plano de estabilização econômica: já recebeu do FMI US$ 12 bilhões (R$ 68,2 bilhões, na cotação atual), a primeira parte de um empréstimo de US$ 20 bilhões (R$ 113,7 bilhões).

Se forem somados os recursos empenhados pelo Banco Mundial e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, a Argentina terá um total de 42 bilhões de dólares (R$ 238,8 bilhões).

Esta nova injeção de dinheiro deve permitir estabilizar o peso e continuar com a queda da inflação, de 211% ao ano no fim de 2023 para os atuais 59%.

Em troca, o governo suspendeu muitos controles cambiários em vigor desde 2019.

E introduziu um novo esquema de flutuação em bandas para a cotação do dólar, com um mínimo de 1.000 e um máximo de 1.400 pesos, cujos limites serão ampliados ao ritmo de 1% ao mês.

"Quando vai flutuar livremente? Vai acontecer com o tempo. Não há uma fase adicional para a livre cotação. Não há uma etapa posterior que gere ansiedade e que cause incerteza", prometeu Bausili. "Continuamos tendo restrições porque ainda existem desequilíbrios", acrescentou.

Porque "se você não tem credibilidade (...) só deveria dar um passo à frente quando estiver extremamente certo", concluiu na conferência com o diretor do FMI para a América Latina e o Caribe, Rodrigo Valdés, muito criticado por Milei.

Economia

'Ainda não' há negociações tarifárias com a China, diz secretário do Tesouro dos EUA

Washington "ainda não" está em diálogo com Pequim sobre tarifas alfandegárias, afirmou o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, nesta quarta-feira (23), ao desmentir uma reportagem que alegava que Donald Trump considerava reduzir as sobretaxas sobre os produtos chineses. No entanto, afirmou que "Estados Unidos Primeiro (slogan de Trump) não significa Estados Unidos sozinhos".

23/04/2025, 17:36

Washington "ainda não" está em diálogo com Pequim sobre tarifas alfandegárias, afirmou o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, nesta quarta-feira (23), ao desmentir uma reportagem que alegava que Donald Trump considerava reduzir as sobretaxas sobre os produtos chineses.

"Acho que ambos os lados estão esperando para conversar um com o outro", afirmou ele à imprensa.

Questionado se havia uma oferta unilateral de Trump para reduzir as tarifas sobre a China, respondeu: "absolutamente não", detalhando que não havia um prazo sobre quando as negociações comerciais entre Pequim e Washington aconteceriam.

Bessent considerou que as tarifas extraordinariamente altas impostas por ambos países sobre seus produtos devem ser reduzidas antes de tais negociações.

"Não acho que nenhuma das partes acredita que os níveis atuais de tarifas sejam sustentáveis, então não me surpreenderia se reduzissem de forma recíproca", acrescentou.

Desde que retornou à Casa Branca em janeiro, Trump impôs taxações de até 145% sobre um grande número de importações chinesas. Pequim respondeu estabelecendo tarifas de 125% sobre os bens americanos.

"Isto é equivalente a um embargo, e uma ruptura entre os dois países no comércio não beneficia ninguém", ressaltou Bessent, estimando que "a desescalada por ambas as partes é possível".

Por outro lado, o secretário do Tesouro americano negou ter um posição sobre se o presidente dos EUA teria poder de destituir o chefe do Federal Reseve (Fed, banco central americano), Jerome Powell, se quisesse.

Na semana passada, Trump disse que "era hora de encerrar o mandato de Powell".

Mas Bessent sugeriu na quarta-feira que o comentário também poderia se referir ao fim do mandato do dirigente do Fed, previsto para maio de 2026.

Mais cedo, o secretário afirmou que o modelo econômico dependente de exportações de Pequim é "insustentável" e "não prejudica apenas a China, mas o mundo inteiro".

Em seu discurso no fórum do Instituto de Finanças Internacionais, à margem das Reuniões de Primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM), o secretário do Tesouro americano ressaltou as preocupações dos EUA sobre os desequilíbrios comerciais, que o governo Trump afirma esperar abordar através das tarifas gerais.

No entanto, afirmou que "Estados Unidos Primeiro (slogan de Trump) não significa Estados Unidos sozinhos".

Ele insistiu que as ações do governo Trump são um apelo por "colaboração mais profunda e respeito mútuo entre os parceiros comerciais", embora apontem para "decisões políticas intencionais" de outros países que enfraqueceram a indústria dos EUA e colocaram sua segurança "em risco".

"Esse status quo de desequilíbrios grandes e persistentes não é sustentável", disse Bessent.

Economia

América Latina será a região com menor crescimento em 2025, diz Banco Mundial

A América Latina será a região com o menor crescimento a nível global este ano, com 2,1%, alertou o Banco Mundial nesta quarta-feira (23), ao destacar o baixo investimento, a alta dívida e a volatilidade global como obstáculos ao seu desenvolvimento. Nesse contexto, o Banco Mundial prevê um crescimento econômico regional de 2,1% neste ano e 2,4% em 2026.

23/04/2025, 13:57

A América Latina será a região com o menor crescimento a nível global este ano, com 2,1%, alertou o Banco Mundial nesta quarta-feira (23), ao destacar o baixo investimento, a alta dívida e a volatilidade global como obstáculos ao seu desenvolvimento.

Em uma prévia de seu relatório sobre a América Latina e o Caribe, a organização financeira internacional expressa preocupação com as tensões comerciais causadas pelas tarifas impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Nesse contexto, o Banco Mundial prevê um crescimento econômico regional de 2,1% neste ano e 2,4% em 2026. Porém, ao contrário do Fundo Monetário Internacional (FMI), não prevê uma contração econômica no México, mas sim uma estagnação.

Até 2025, o Brasil deverá crescer 1,8%; a Argentina, 5,5%; Colômbia, 2,4%; Chile, 2,1%; Peru, 2,9%; Equador, 1,9%; Bolívia, 1,2%; República Dominicana, 4%; El Salvador, 2,2%; Costa Rica, 3,5%; Panamá, 3,5%; Paraguai, 3,5%; Nicarágua, 3,4% e Uruguai, 2,3%.

No Haiti, espera-se uma contração econômica de 2,2%.

"Tarifas mais altas e os maiores níveis de incerteza comercial em uma década impedem uma maior integração da região nas cadeias de suprimentos dos Estados Unidos e colocam em risco os empregos em indústrias relacionadas à exportação", alerta o Banco Mundial.

Os acordos assinados pelo México e Mercosul com a União Europeia "representam um passo em direção à diversificação de mercados", mas será necessário "atender a uma agenda pendente de décadas nas áreas de infraestrutura, educação, regulamentação, concorrência e política tributária", aconselha.

Também observa que os cortes na ajuda externa ao desenvolvimento depois que Trump reduziu ao mínimo a USAID, a maior agência humanitária do mundo, terão um impacto no Haiti, na conservação da Amazônia na América do Sul e no apoio aos "migrantes venezuelanos nos países receptores".

Na frente fiscal, o Banco Mundial observa que os gastos públicos "permanecem altos" e os déficits "consideráveis".

No geral, os avanços na redução da dívida continuam limitados: a relação dívida/PIB aumentou para 63,3% em 2024 (em comparação com 59,4% em 2019).

O declínio da pobreza continua avançando, mas mais lentamente.

As estimativas para 2024 indicam que a pobreza monetária caiu para 24,4% da população na América Latina e no Caribe, ante 25% em 2023. Mas o Banco Mundial espera que a desigualdade permaneça alta.

"O cenário econômico global mudou drasticamente, marcado por níveis crescentes de incerteza", disse Carlos Felipe Jaramillo, vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe, citado em um comunicado.

"Os países devem recalibrar suas estratégias e pressionar por reformas ousadas e práticas que aumentem a produtividade e a competitividade", acrescentou.

- Inteligência artificial -

América Latina será a região com menor crescimento em 2025, diz Banco Mundial

O desenvolvimento da inteligência artificial, que é motivo de preocupação para alguns setores das economias avançadas, "se espalha mais lentamente" na região, onde entre 26% e 38% do emprego está exposto a essa tecnologia, observa o Banco Mundial.

Entre 7% e 14% dos empregos na América Latina poderiam ser mais produtivos por meio de melhorias na inteligência artificial, especialmente em setores como educação, saúde e serviços pessoais, argumenta.

A transição energética também tem consequências para a demanda de mão de obra.

"O emprego em setores com emissões relativamente baixas de gases de efeito estufa ainda é baixo, em torno de 10%", enquanto naqueles com altas emissões, como a agricultura, "é mais generalizado".

As políticas de Trump terão um impacto que vai além da guerra comercial se ele conseguir cumprir sua promessa de realizar a maior deportação de imigrantes em situação irregular da história dos Estados Unidos.

Por enquanto, as regulamentações de imigração mais rígidas nos EUA redirecionaram os fluxos migratórios.

"Aproximadamente 20% dos novos migrantes vão para os Estados Unidos", que continua concentrando a maior quantidade, "61% para outros países da América Latina e do Caribe, e o restante para partes da Europa", calcula o relatório.

Economia

Guerra comercial deixará sequelas nas finanças públicas, alerta FMI

Em um mundo incerto devido à guerra comercial iniciada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, os países deverão, acima de tudo, sanear suas finanças e reduzir a dívida pública, alertou nesta quarta-feira (23) o Fundo Monetário Internacional (FMI). A China deve gastar mais internamente, apesar de seu elevado nível de dívida já elevado, para fortalecer a proteção social e liberar o consumo interno, enquanto os Estados Unidos devem se concentrar em reduzir o déficit público para manter a dívida sob controle.

23/04/2025, 10:31

Em um mundo incerto devido à guerra comercial iniciada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, os países deverão, acima de tudo, sanear suas finanças e reduzir a dívida pública, alertou nesta quarta-feira (23) o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os recentes anúncios tarifários dos Estados Unidos e as represálias de alguns países aumentaram a volatilidade dos mercados financeiros, enfraqueceram as perspectivas de crescimento e aumentaram os riscos, afirma o FMI em seu relatório sobre políticas orçamentárias.

"Estes se produzem em um contexto de aumento dos níveis da dívida em muitos países e de finanças públicas já sob tensão", explicam os técnicos Era Dabla-Norris, Vitor Gaspar e Marcos Poplawski-Ribeiro em um blog da instituição.

Além disso, em muitos casos, terão que lidar com aumentos dos gastos, como os de defesa na zona do euro.

"Prevemos que a dívida pública mundial aumente em 2,8 pontos percentuais este ano, mais do que o dobro estimado para 2024, situando os níveis de dívida acima de 95% do Produto Interno Bruto", informam.

- Níveis pandêmicos -

E é provável que a tendência de alta continue até se aproximar "de 100% do PIB no final da década, superando os níveis pandêmicos", preveem os analistas.

Em geral, o FMI prevê que um terço dos governos, que representam 75% do PIB mundial, experimente um agravamento de sua dívida. Entre os países afetados estão China, Estados Unidos, França, Itália, Brasil e Arábia Saudita.

Mas a situação varia de um país para outro, destacou Gaspar. A China deve gastar mais internamente, apesar de seu elevado nível de dívida já elevado, para fortalecer a proteção social e liberar o consumo interno, enquanto os Estados Unidos devem se concentrar em reduzir o déficit público para manter a dívida sob controle.

"Mas para alcançar isso, o governo tem opções, tanto em termos de receitas quanto de despesas", estimou Gaspar, diretor do departamento de assuntos orçamentários do Fundo, em uma entrevista à AFP.

Este não é o caso dos países emergentes ou em desenvolvimento, que devem "investir em educação e saúde. Fortalecer seu capital humano é a melhor maneira de desenvolver estes países, mas isso exige recursos", admitiu.

A Europa deverá "encontrar uma maneira de financiar seu gasto militar a longo prazo", explica Gaspar.

Se a situação não melhorar, "com base nas informações atualmente disponíveis, a dívida mundial poderia alcançar 117% do PIB em 2027", advertiu.

Os países terão que encontrar um equilíbrio entre o ajuste e o apoio ao crescimento econômico em função de seus recursos e suas peculiaridades.

O apoio "às empresas e comunidades afetadas por graves problemas comerciais deve ser tanto temporário quanto específico", recomenda o blog.

Guerra comercial deixará sequelas nas finanças públicas, alerta FMI

Segundo o FMI, as economias avançadas deveriam abordar os problemas relacionados ao envelhecimento da população com reformas nos setores de Previdência e Saúde, além da ampliação da base tributária.

Economia

China diz que 'porta está aberta' para negociações após Trump sinalizar queda das tarifas

A China afirmou nesta quarta-feira (23) que está aberta a conversar com os Estados Unidos sobre as tarifas, depois que o presidente Donald Trump mencionou a possibilidade de um acordo, o que aumenta as esperanças de uma possível diminuição das tensões comerciais. "A porta para conversar (com os Estados Unidos) está escancarada", enfatizou.

23/04/2025, 08:40

A China afirmou nesta quarta-feira (23) que está aberta a conversar com os Estados Unidos sobre as tarifas, depois que o presidente Donald Trump mencionou a possibilidade de um acordo, o que aumenta as esperanças de uma possível diminuição das tensões comerciais.

Desde o seu retorno à Casa Branca em janeiro, Trump impôs tarifas de pelo menos 10% aos produtos que entram em seu país e de até 145% para um grande número de importações chinesas. Pequim respondeu com tarifas de 125% sobre os produtos americanos.

"A China já disse previamente que em uma guerra comercial e de tarifas não há vencedores", afirmou o porta-voz da diplomacia de Pequim, Guo Jiakun. "A porta para conversar (com os Estados Unidos) está escancarada", enfatizou.

O presidente chinês Xi Jinping também elevou a pressão, ao declarar que as guerras tarifárias e comerciais "minam os direitos e interesses legítimos de todos os países, prejudicam o sistema multilateral de comércio e impactam a ordem econômica mundial".

As declarações ocorreram um dia após Trump anunciar uma redução "substancial" das tarifas sobre a China, o que representou um alívio aos mercados mundiais, afetados na segunda-feira pela decisão dos investidores de abandonar ativos americanos.

O presidente americano reconheceu na terça-feira, à margem de uma cerimônia na Casa Branca, que 145% é um nível "muito elevado" e que "vai cair substancialmente". Segundo uma pessoa que compareceu ao evento, Trump antecipou que uma desescalada acontecerá em breve.

A possibilidade animou os mercados financeiros nesta quarta-feira, em particular depois que Trump também declarou que não tem "nenhuma intenção" de demitir o presidente do Federal Reserve (Fed, banco central americano), Jerome Powell.

As críticas virulentas de Trump ao presidente do Fed haviam provocado a queda dos três principais índices da Bolsa americana na segunda-feira.

O republicano critica Powell por sua política de juros e por ter alertado que a política tarifária da Casa Branca provavelmente provocará o aumento da inflação.

"Gostaria de vê-lo um pouco mais ativo" na redução dos juros porque "é o momento perfeito para isso", disse Trump.

Os mercados europeus abriram em alta nesta quarta-feira: Paris avançava 1,5%, Frankfurt 2,4%, Londres 1,2% e Milão 1,1%.

- Recuo -

Em um evento a portas fechadas organizado pelo banco JP Morgan Chase em Washington, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, assegurou na terça-feira que as tarifas equivalem a um embargo comercial recíproco.

A porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, disse aos jornalistas que o governo "vai muito bem em relação a um potencial acordo comercial com a China".

E, assim como recuou nas tarifas, Trump também diminuiu o tom a respeito do presidente do Fed, depois que seus ataques contra Powell provocaram a queda dos mercados.

China diz que 'porta está aberta' para negociações após Trump sinalizar queda das tarifas

Na semana passada, o magnata republicano havia afirmado que "já era hora de o mandato de Powell terminar".

O segundo mandato do presidente do Fed, nomeado pelo próprio Trump durante o seu primeiro mandato e designado novamente pelo presidente democrata Joe Biden, termina em maio de 2026.

Powell advertiu que a guerra comercial iniciada por Trump com as tarifas poderia representar um fardo para a economia americana.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) espera que a economia americana cresça 1,8% este ano, 0,9 ponto percentual a menos que em sua estimativa anterior de janeiro.

Um ritmo acelerado de redução dos juros pelo Federal Reserve estimularia a economia ao tornar o crédito mais acessível. Mas também traria o risco de um aumento dos preços, além do efeito inflacionário que as tarifas já podem ter.

Economia

Salão do Automóvel de Xangai exibe novos carros elétricos apesar das tarifas de Trump

O 'Auto Xangai', maior salão do automóvel do mundo, abriu as portas nesta quarta-feira (23) em Xangai com as últimas inovações tecnológicas no setor de carros elétricos, em meio às barreiras comerciais que afetam as ambições globais da China. Ainda assim, o analista alemão Ferdinand Dudenhoeffer afirmou na terça-feira que o evento em Xangai demonstra que a China não perdeu força.

23/04/2025, 07:47

O 'Auto Xangai', maior salão do automóvel do mundo, abriu as portas nesta quarta-feira (23) em Xangai com as últimas inovações tecnológicas no setor de carros elétricos, em meio às barreiras comerciais que afetam as ambições globais da China.

Com quase 1.000 expositores, os fabricantes estrangeiros de automóveis tentam demonstrar que podem enfrentar as ultracompetitivas empresas chinesas que dominam o setor elétrico.

As empresas alemãs, que já dominaram o mercado no país asiático, participam do evento como montadoras de automóveis 'produzidos na China e para a China'.

A Volkswagen, o maior grupo estrangeiro no país, apresentou uma série de novos veículos elétricos e um sistema de assistência ao motorista projetado especialmente para o ecossistema digital chinês.

No estande da BMW, um executivo conversou em mandarim com um assistente de inteligência artificial antes da entrada do CEO, Oliver Zipse, no palco com um veículo utilitário de design futurista da linha 'Neue Klasse'.

"Na BMW, continuaremos defendendo (...) os mercados abertos", declarou Zipse, antes de acrescentar que "os desafios globais exigem cooperação global", em uma aparente referência à turbulência comercial provocada pelas tarifas americanas.

- Concorrência brutal -

As marcas estrangeiras enfrentam uma concorrência brutal de dezenas de rivais locais. O apoio chinês ao desenvolvimento de carros elétricos e híbridos resultou no crescimento do mercado local, que segundo analistas é mais jovem e aberto às novidades.

O 'Auto Xangai', que prosseguirá até 2 de maio, terá uma série de lançamentos. Dezenas de marcas estão presentes, de gigantes estatais até empresas emergentes como Li Auto e Xpeng, gigantes do setor de tecnologia como Huawei e a marca de produtos eletrônicos Xiaomei, que se tornou uma empresa de carros.

As empresas chinesas desenvolveram mais rapidamente e com mais inovação tecnológica devido à concorrência local.

Uma multidão se reuniu diante do estande da líder do setor BYD para a apresentação de cinco novos carros da série Ocean, assim como um veículo utilitário de luxo de sua filial Yangwang, além de um veículo esportivo sob a marca Denza.

O executivo William Li, da marca Nio, apresentou o modelo ET9, impulsionado por dois chips de direção inteligente patenteados.

A Xpeng revelou suas baterias com tecnologia de IA que possibilitariam um percurso de 420 km com 10 minutos de carga.

Mas o mercado chinês também enfrenta problemas: algumas empresas faliram e outras, como SAIC Motor, BYD e Geely, travam uma guerra brutal de preços.

"O setor é muito competitivo e nem todos vão sobreviver", declarou à AFP o presidente da Xpeng, Brian Gu.

Salão do Automóvel de Xangai exibe novos carros elétricos apesar das tarifas de Trump

Muitas empresas chinesas pretendem avançar no mercado internacional para que suas vendas no sudeste asiático, Europa e América Latina garantam seu futuro.

Contudo, a Nio admitiu na terça-feira que havia subestimado as dificuldades de expansão na Europa, com obstáculos logísticos e tarifários que afetam a competitividade de seus preços.

- Preocupação com as tarifas -

As tarifas também preocupam empresas estrangeiras que fabricam carros na China, como as americanas General Motors e Ford.

Pequim e Washington estão em um impasse depois que a política tarifária de Donald Trump desencadeou uma crise entre as duas potências, com taxas recíprocas extremamente elevadas.

Desde o ano passado, os fabricantes chineses enfrentam tarifas adicionais da União Europeia, que considera que o apoio estatal chinês às suas empresas prejudica os fabricantes europeus.

As exportações para a Rússia e o Oriente Médio ajudaram a amortecer os impactos, indicou na terça-feira a empresa AlixPartners.

Outros obstáculos são internos, como a frágil recuperação econômica pós-pandemia.

Ainda assim, o analista alemão Ferdinand Dudenhoeffer afirmou na terça-feira que o evento em Xangai demonstra que a China não perdeu força.